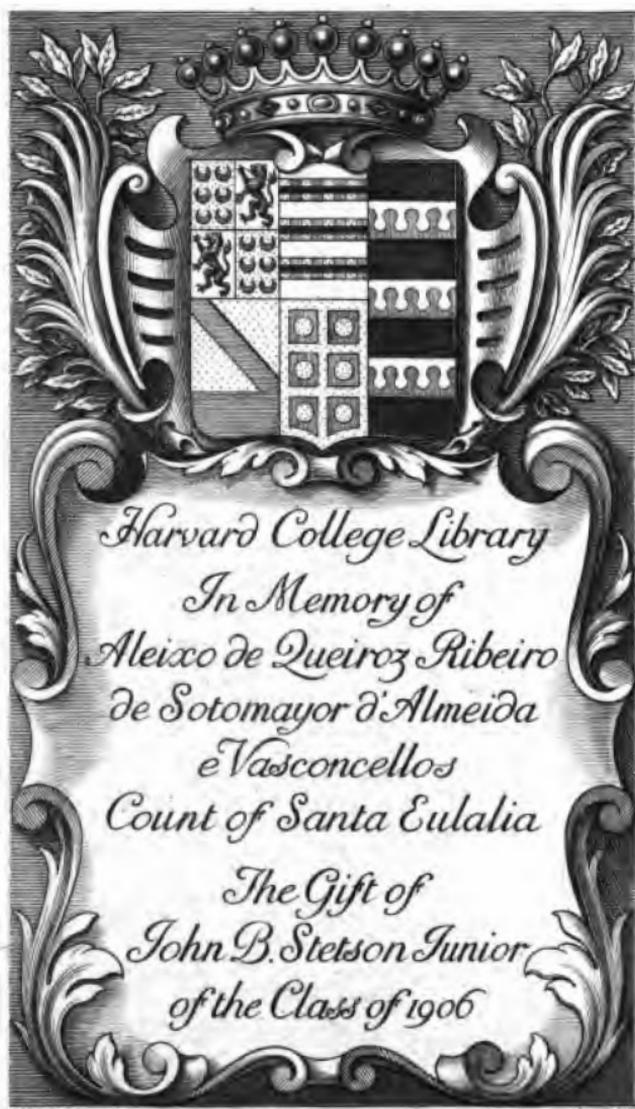


Post 6176.8









Souvenir à mon cher
Michele Dreyfus
Lisbonne, le 7 juillet, 1889
Paul Binet

SONETOS



OS
SONETOS

COMPLETOS

DE

Anthero de Quental

publicados por

J. P. OLIVEIRA MARTINS



PORTO

LIVRARIA PORTUENSE

DE

LOPES & C.^ª—EDITORES

117, Rua do Almada, 123

1886

Part 6176.8
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

Feb. 14, 1930

N



PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
Rua da Fabrica, 66

3070
43

ESCREVENDO estas breves paginas á frente dos *Sonetos* de Anthero de Quental tenho a satisfação intima de cumprir o dever de tornar conhecida do publico a figura talvez mais caracteristica do mundo litterario portuguez, e decerto aquella sobre que a lenda mais tem trabalhado. Estou certo, absolutamente certo, de que este livro, embora sem écco no espirito vulgar que faz reputações e dá popularidade, ha-de encontrar um acolhimento amoroso em todas as almas de eleição, e durar emquanto houver corações afflictos, e emquanto se fallar a linguagem portugueza.

Procurarei, no que vou dizer, guardar para mim aquillo que ao publico não interessa: a viva amisade, a estreita communhão de sentimentos, o affecto quasi fraterno que ha perto de vinte annos nos une, ao poeta e

ao seu critico de hoje, fazendo da vida de ambos como que uma unica alma, misturando invariavelmente as nossas breves alegrias, muitas vezes as nossas lagrimas, sempre as nossas dores e os nossos enthusiasmos ou o nosso desalento.

Discutindo em permanencia, discordando frequentemente, ralhando a miudo, zangando-nos ás vezes e abraçando-nos sempre: assim tem decorrido para nós perto de vinte annos. Mas o leitor é que nada tem que vêr com esses casos particulares, nem com o abraço que trocámos no dia em que primeiro nos conhecemos e que só terminará n'aquelle em que um de nós, ou ambos nós, formos descançar para sempre sob meia duzia de pás de terra fria.

I

Eu não conheço phisionomia mais difficil de desenhar, porque nunca vi natureza mais complexamente bem dotada. Se fosse possivel desdobrar um homem, como quem desdobra os fios de um cabo, Anthero de Quental dava *alma* para uma familia inteira. E' sabidamente um poeta na mais elevada expressão da palavra;

mas ao mesmo tempo é a intelligencia mais critica, o instincto mais pratico, a sagacidade mais lucida, que eu conheço. E' um poeta que sente, mas é um raciocinio que pensa. Pensa o que sente ; sente o que pensa.

Inventa, e critica. Depois, por um movimento reflexo da intelligencia, dá corpo ao que criticou, e raciocina o que imaginou. — O seu temperamento apresenta um contraste correlativo : é meigo como uma creança, sensitivo como uma mulher nervosa, mas intermitten-temente é duro e violento.

E' fraco, portanto? Não. A vontade, em obediencia á qual, e com esforço, se faz colerico, fal-o tambem forte — d'esta força persistente, raciocinada e na apparencia placida, como a superficie do mar em dias de bonança. O Oceano, porém, é interiormente agitado pelo *gulf stream* quente e invisivel : tambem ás vezes a placidez extrema da sua face encobre ondas de afflicção que sobem até aos olhos e rebentam em lagrimas ardentes. Sabe chorar, como todo o homem digno da humanidade.

E' d'estas crises que nasceram os seus versos, porque Anthero de Quental não *faz* versos á maneira dos litteratos : nascem-lhe, brotam-lhe da alma como soluços e agonias. Mas, apesar d'isso, é requintado e exigente como um artista ; as suas lagrimas hão de ter o

contorno de perolas, os seus gemidos hão de ser musicas. As faculdades artisticas geradoras da estatuaria e da symphonia são as que vibram na sua alma esthetica. A noção das fórmas, das linhas e dos sons, possui-a n'um gráo eminente: não já assim a da côr nem a da *composição*. Aos quadros chama *paineis* com desdem, e por isso mesmo tem horror á descripção e ao pittoresco. É artista, no que a arte contém de mais subjectivo. A sua poesia é esculptural e hieratica, e por isso phantastica. É exclusivamente psychologica e dantesca: não pode pintar, nem descrever: acha isso inferior e quasi indigno.

Os seus versos são sentidos, são *vividos* como nenhuns; mas o sentir e o viver d'este homem é de uma natureza especial que tem por fronteiras phisicas as paredes do seu craneo, mas que não tem fronteiras no mundo real, porque a sua imaginação paira librada nas azas de uma razão especulativa para a qual não ha limites.

O poeta é por isso um mystico, e o critico um philosopho. O mysticismo e a metaphisica, o sentimento e a razão, a sensibilidade e a vontade, o temperamento e a intelligencia, combatem-se, ás vezes dilacerando-se. Eis ahí a explicação d'esta poesia que é o retrato vivo do homem. O genio, esse *quid* divinatório, que não é

honra para nenhuma creatura possuir, porque só nos dá merecimento aquillo que ganhámos á força de intelligencia e de vontade; o genio, que é uma faculdade tão accidental como a côr dos cabellos, ou o desenho das feições; o genio, que pode andar ligado a uma intelligencia mediocre, mas que o não anda no caso de Anthero de Quental—é o predicado particular e a chave do enyigma d'este homem. O genio presuppõe a intuição de uma verdade visceral ou fundamental da natureza. Essa intuição, essa aspiração absorvente, é para o nosso poeta a synthese da verdade racional ou positiva e do sentimento mystico: uma poesia que exprima o raciocinio, ou antes uma philosophia onde caibam todas as suas visões. O proprio do genio é querer realisar o irrealisavel; é ser chimerico, no sentido critico da palavra, quando por chimera entendemos uma verdade essencial que não pode todavia reduzir-se a formulas comprehensíveis, ou uma cousa cuja realidade se sente, sem se poder ver.

Dos aspectos quasi inexgotavelmente variaveis d'esta singular phisionomia de homem, d'esta mistura excepcional de pensamentos e de temperamentos n'um mesmo individuo, resulta porém um typo de sinceridade e de rectidão mais singular ainda, porque mais facilmente podia resultar d'ella um grande cynico. É sobretudo

um stoico, sem deixar de ter bastante de sceptico; é um mystico, mas com uma forte dose de ironia e humorismo; é um mysanthropo, quando não é o homem do trato mais affavel, da convivencia mais alegre; é um pessimista, que todavia acha em geral tudo optimo. Intellectualmente é a phisionomia mais dubia, complexa e contradictoria por vezes; moralmente é o caracter mais inteiro e melhor que existe. A sua intelligencia encontra-se permanentemente no estado de alguém que, querendo ir para um sitio, resiste por não querer ao mesmo tempo, sem todavia ter rasões bastantes para querer nem tambem para não querer. O nucleo da sua personalidade, se a encaramos pelo lado praticamente humano, está na energia do seu querer moral, e não na lucidez do seu pensamento; embora tenha a pretensão de julgar que a sua vontade obedece sempre á sua razão. E' verdade que dentro de si tem permanentemente um espelho facetado que representa e critica as modalidades do seu pensamento; mas, por isso mesmo, vê ou inventa faces de mais ás cousas, e tambem por vezes o cristal embacia. O que nunca esmorece é a bondade luminosa da sua alma. E' um homem fundamentalmente bom.

A complexidade do seu espirito dá-lhe uma variedade de aptidões singular. Conversador como poucos, fa-

cil, espontaneo, original e suggestivo, ironico, humorista, espirituoso, descendo até á propria *charge*, não ha ninguem como elle para soltar o carro da sua phantasia critica na ladeira de uma these, e, explorando-a em todos os sentidos, architectar uma theoria. Os seus opusculos em prosa (da melhor prosa portugueza d'este tempo) têm em geral este character. São logicos, são bem deduzidos — sem serem sufficientemente pensados. São fructos da imaginação; são conversas escriptas, d'essas conversas que durante horas seduzem os que o ouvem — porque é um *charmeur*.

Elle proprio se embriaga, não com as suas palavras, mas sim com aquella theoria passageira que inventou *ad hoc*, e, quando alguém lhe objecta um pequeno senão, todavia essencial ao seu edificio logico, resiste, defende-se, irrita-se ás vezes, mas por fim é elle proprio que, com um dito, desfaz toda a construcção. Seria um orador, um jornalista de primeira ordem, se não tomasse apenas a sério a sua missão de poeta, ou antes de philosopho.

Depois de tudo isto dirão pessoas pouco dadas ao estudo do animal homem que Anthero de Quental é um assombro. Longe d'isso. A sua força é a prodigalidade com que a natureza dotou o seu espirito; mas essa força é uma fraqueza. Tem demasiada imaginação para

•

ver bem; e por outro lado o raciocínio crítico peia-lhe os vôos luminosos da phantasia. Vê de mais para poder ser activo, ou não tem a energia correspondente á sua visão. Se a tivesse, seria verdadeiramente um assombro. A imaginação e a razão, irreductiveis nos cerebros humanos com as circumvoluções limitadas que contêm, são igualmente poderosas no seu cerebro para que qualquer d'ellas domine. Luctam em permanencia, procurando entender-se, combinar-se, penetrar-se, e, no desejo chimerico da synthese, desequilibram o homem, atrophando-lhe a energia activa. Ainda assim, felizes d'aquelles cuja inercia dêsse um livro comparavel a este!

Mas é que as suas paginas foram escriptas com sangue e lagrimas! E doe ver a vida do mais bello espirito consumir-se em agonias de uma alma em lucta consigo mesmo! O commum da gente, ao ler as paginas d'este volume, dirá então: Quantas catastrophes, que desgraças, este homem soffreu! que singular hostilidade do mundo para com uma creatura humana! — E todavia o mundo nunca lhe foi propriamente hostile, nenhuma desgraça o acabou; a sua vida tem corrido serena, placida, e até para o geral da gente em condições de felicidade.

É que o geral da gente não sabe que as tempestades

da imaginação são as mais duras de passar! Não ha dores tão agudas como as dores imaginarias. Não ha problemas mais difficeis do que os problemas do pensamento, nem crises mais dolorosas do que as crises do sentimento. As agonias dilacerantes da morte com as ancias do stertor, os horrores mais inverosimeis dos crimes monstruosos, as afflicções mais pungentes da saudade, as tristezas mais dolorosas da solidão, as luctas do dever com a paixão, os gritos do homem arruinado, os ais da orphandade faminta... tudo, tudo, quanto no mundo pode haver de doloroso, desde a miseria até á prostituição, desde o andrajo até ao velludo arrastado pela immundicie, desde o cardo que dilacera os pés até ao punhal que rasga o coração: tudo isso é menos, do que a agonia de um poeta vendo passar diante de si, em turbilhão medonho, as lugubres miserias do mundo. Todas as afflicções têm o seu quê de imaginativas, e por isso ha apenas uma especie de homens que não sentem: são os cynicos, esses que perderam os nervos da moralidade, os anesthesiados do sentimento.

Quando se é poeta como Anthero de Quental, a imaginação exacerbada vibra como as harpas que os gregos expunham ás virações da brisa nos ramos das arvores. Nenhum dedo lhes feria as cordas, e todavia tocavam! Nenhuma d'essas desgraças do mundo feriu a

harpa da vida do poeta; e todavia essa harpa geme e chora, soluça e grita, porque pelas suas cordas passa o vento agreste das idéas, passa o écco ullulante do egoismo dos homens, afflictivo como os uivos de uma alca-téia de lobos famintos.

II

Esta collecção de Sonetos é, portanto, ao mesmo tempo biographica e cyclica. Conta-nos as tempestades de um espirito; mas essas tempestades não são os quaesquer episodios particulares de uma vida de homem: são a refracção das agonias moraes do nosso tempo, vividas, porem, na imaginação de um poeta.

O primeiro periodo, de 1860-2, contém em embryão todos os successivos, da mesma fórma que as flores incluem em si a substancia dos fructos. Denuncia uma alma sensivel, mas patenteia já a preocupação metaphisica na sua phase rudimentar de duvida theologica, e apresenta uns assomos de tristeza que são como os farrapos de nuvens quando velam intermittenemente o sol, deixando antever a tempestade para o dia seguinte. Estes primeiros sonetos são o balbuciar de uma creança. Romantica? De modo nenhum. Este poeta

não se filia em escholas, não obedece a correntes litterarias: a sua poesia é exclusivamente pessoal. Succedia, porem, que n'esse tempo já os nossos bardos classicamente romanticos tinham passado de moda; e a Coimbra chegavam por via de Paris os éccos do espirito novo, expresso nas obras de Michelet, de Quinet, de Vera-Hegel, etc.

Tudo isso fermentava no cerebro de Anthero de Quental, mas a sua personalidade não se deixava absorver pelo optimismo que, depois dos romanticos, se espalhou na Europa, lyricamente ingenuo no Occidente afrancezado, systematicamente philosophico na Allemanha hegeliana. Schopenhauer, ninguem o lia. Não era moda. Pois foi essa corrente, dominante hoje, aquella em que o nosso poeta, espontaneamente, por um movimento do seu temperamento, se achou levado. Aos dezoito ou vinte annos, ignorante ainda, mas inquieto e perscrutador, o poeta que desdenha sinceramente da fama e da gloria, vê no eterno feminino de que nos falla Goethe a synthese da existencia. Os seus amores já são phantasticos: só tem realidade no ceu.

Alli, ó lyrio dos celestes valles,
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.

E se ainda o dia, a luz, o sol *esposo amado*, têm o condão de o encher de entusiasmo, é mister desconfiar de um homem mais caprichoso do que todas as mulheres, porque

Pedindo á forma, em vão, a idea pura
Tropeço, em sombras, na materia dura
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Esta nota é mais constitucionalmente verdadeira.
« Seja a terra degredo, o ceu destino » diz n'um ponto ;
e n'outro :

Minha alma, ó Deus, a outros ceus aspira :
Se um momento a prendeu mortal belleza
E' pela eterna patria que suspira...

Não acreditemos tambem demasiadamente n'isto,
porque Deus não passa ainda de uma interrogação :

Pura essencia das lagrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! Se és verdade,
Descobre-te, visão, no ceu ao menos!

As luctas infantís d'este primeiro periodo para saber

se Deus é ou não é verdade, bastam, em si mesmo e no proprio modo por que estão expressas, para nos mostrar que o poeta não saiu ainda das espheras da representação elementar dos seres, para a esphera comprehensiva das abstracções racionaes. Os sonetos d'esta primeira serie desenrolam-se no terreno da phantasmagoria transcendente. O traço mais seguro de todos e o mais significativo está n'este verso :

Que sempre o mal peor é ter nascido.

A segunda serie tem a data de 1862-6. Psychologicamente é a menos original, artisticamente é a mais brilhante. O *Sonho oriental*, o *Idyllio*, o *Palacio da Ventura*, são obras primas, até de colorido. Talvez por isso mesmo que o estado de espirito do poeta o não obrigava a tirar tanto de si, e porque n'esta epocha viveu mais á lei da natureza; talvez por isso mesmo a sentiu e pintou melhor nas suas côres, nas suas imagens.

A nebulose do primeiro periodo começava a resolver-se n'uma tragedia mental, que umas vezes tem os sonhos dos que mastigam haschich, outras vezes furias de desespero, ironias como punhaes e gritos lancinantes :

Se nada ha que me aqueça esta frieza,
Se estou cheio de fel e de tristeza,
E' de crer que só eu seja o culpado.

Meu pobre amigo, como foi amarga esta epocha!
Outros soffreram tambem, outros penaram eguaes do-
res, sem conseguirem porem estrangular os monstros
que defendem os áditos do templo da Sabedoria. Heine
e Espronceda, Nerval e Baudelaire viveram vidas inte-
ras n'esse estado de ironia e de sarcasmo, de desespero
e de raiva, de orgia e de abatimento, de furia e de ato-
nia, que para ti representam quatro annos apenas!

Mas é que não havia em nenhuma d'esses homens a
semente de abstracção que se descobre no *Palacio da
Ventura*:

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silencio e escuridão — e nada mais!

Os românticos, mais ou menos satanistas ou satani-
sados, ficavam-se por aqui. Achando apenas silencio e
escuridão onde tinham sonhado venturas, ou davam em
bebedos como Espronceda, ou suicidavam-se como Ner-
val, ou faziam-se cynicos, á maneira de Baudelaire,
cultivando com amor as *Flores do Mal*.

De 1864 a 74, n'esses dez annos em que a tempestade caminha, vê-se a onda negra da desolação espriar-se; vê-se o « silencio e a escuridão » que antes surgiam como surpresas medonhas, ganharem um logar apropriado, embora eminente, no regimen das cousas; vê-se o espirito do philosopho reagir sobre o temperamento do poeta, e tornar-se systema o que até ahí era furia. Bom prenuncio.

N'esta epocha Anthero de Quental é nihilista como philosopho, anarchista como politico : é tudo o que fôr negativo, é tudo o que fôr excessivo; e é-o de um modo tão terminante, tão dogmatico e tão affirmativo, que por isso mesmo hesitamos em crer na consciencia com que o é. Da sinceridade não é licito duvidar, mas contra a segurança depõe a propria violencia. A nevrose contemporanea, que produzira n'elle a terceira epocha, dá de si ainda a quarta; mas se pode galgar a saltos por entre a floresta incendiada que devorou e consumiu os satanicos, não poderá tambem sair da steppe lugubre onde apodrecem os pessimistas, embriagados na negação universal, sem se lembrarem de que são contradictorios no proprio facto de pré-garem o que quer que seja?

Ora a isto responde esta propria serie, porque, ao lado dos sonetos crepuscularmente desolados, levam-

tam-se como auroras os sonetos stoicos. Para curar o poeta da vertigem satânica serviu-lhe a metaphisica pessimista; para o curar mais tarde d'essa metaphisica, servir-lhe-ha a reacção do sentimento moral sobre a razão especulativa. Quando pede *Mais luz*, quando chama ao sol «O claro sol amigo dos heroes», quando define a *Idea* acabando por estes versos diamantinos:

A Idea, o Summo bem, o Verbo, a Essencia
Só se revela aos homens e ás nações
No ceu incorruptivel da Consciencia!

sentimo-nos bem distantes das phantasmagorias do principio e das loucuras da viagem, que todavia o poeta não terminou ainda.

Luctando furioso contra a desillusão, caindo esmagado pelo anniquilamento, Anthero de Quental *ensimismou-se* (para usar de uma feliz expressão hespanhola) metteu-se dentro de si, a sós comsigo, apellou para as energias do seu instincto de homem, e foi isso o que lhe inspirou o bello *Hymno á Razão*.

Porem na lucta entre o temperamento de stoico e a imaginação metaphisica, o seu espirito attribulado não conseguiu manter o equilibrio, porque as suas

exigencias de critico e philosopho (alimentadas agora por leituras variadissimas e profundas) contrariavam ou contradiziam as suas vizões de poeta. A' maneira que a intelligencia se lhe cultivava, que o saber lhe crescia, que a experiencia o educava com mais de um caso doloroso ou apenas triste — apurava-se-lhe a imaginação até ao ponto de ver claramente o que para o commum dos espiritos são apenas concepções do entendimento abstracto. A sua poesia despe-se então de accessorios: não ha quasi uma imagem; ha apenas linhas, mas essas linhas de estatuas incorpóreas tem uma nitidez dantesca.

O seu pessimismo torna-se systemático: é uma philosophia inteira, a que corresponde, como expressão sentimental, á ironia transcendente. Na *Disputa em Familia*, Deus responde aos atheus:

„ Muito antes de nascerem vossos paes
 „ D'um barro vil, ridiculas creanças,
 Sabia eu tudo isso... e muito mais!

No *Inconsciente*, este heroe metaphisico, diz assim:

Chamam-me Deus ha mais de dez mil annos...
 Mas eu por mim não sei como me chamo.

Na *Divina Comedia* os homens queixam-se aos deuses do que soffrem, invectivando-os pelos terem creado

Mas os deuses com voz ainda mais triste
Dizem: — Homens! porque é que nos creastes?

Como se vê, houve um progresso. No periodo anterior a negação era violenta e terminante; agora tem como expressão a ironia que é uma das formas conhecidas do saber, e uma das linguagens da verdade. Eis ahí o que a reacção moral conseguiu, acompanhada pelo esclarecimento da razão, da intelligencia e do conhecimento. O antigo poeta satânico, transformado em um nihilista, vemol-o agora na pelle de um pessimista systematico, sorrindo já bondosamente, com a ironia n'esses proprios labios que, primeiro cobertos de espuma, depois nos appareciam brancos de agonias.

Não tinha eu razão para chamar cyclica a esta collecção de sonetos? Não tem sido este o movimento das idéas, a evolução do pensamento creador na segunda metade do nosso seculo?

Quando escreveu o primeiro soneto da quarta serie
(1880-4)

Já socega, depois de tanta lucta,
Já me descança em paz o coração . . .

Anthero de Quental resolveu destruir todas as suas poesias *lugubres*. Sentia remorsos por alguma vez ter estado n'uma disposição de animo que agora considerava com horror. Entendia que esses versos tetricos não podiam consolar ninguem, e fariam mal a muita gente. Destruiu-os, pois, com aquella violencia propria de um character intermittenemente meigo e frenetico como o de uma mulher. D'esse naufragio onde se perderam verdadeiras obras-primas, salvei eu as poesias que vão. no fim d'este ensaio; e salvei-as porque as possuia entre os originaes remettidos em cartas, e mais de uma vez como texto de noticias do estado do seu espirito, ou cartas rimadas.

Que especie de paz era porem essa em que o seu coração descançava? Era o *Nirvãna* :

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo d'esse mundo morto
E torna a olhar as cousas naturacs,

À bella luz da vida, ampla, infinita
Só vê com tedio em tudo quanto fita
A illusão e o vazio univorsacs.

O Nirvãna é o ceu do buddhismo, a religião mais philosophica e menos phantasmagorica inventada pelos homens. E' por este motivo que o buddhismo attrae hoje em dia todos os espiritos a um tempo racionalistas e mysticos, d'esta epocha em tudo semelhante á alexandrina, menos no volume do saber positivo que já se não compadece com muitas das theorias sobre que os néoplatonicos especulavam. A theoria da Substancia levou-os a elles a uma concepção do Ser que produziu o mytho do Verbo christão, encarnado popularmente em Jesus-Christo. Ora hoje tudo isso vale apenas como documento historico, e, por paradoxal que isto pareça, o Não-Ser é, segundo a metaphisica contemporanea, a essencia de tudo o que existe. O Absoluto é o Nada. O Universo, a realidade inteira, são modalidades, aspectos fugitivos, que só se tornam verdades racionaes quando nos apparecem despidas de todos os accidentes. E como é pelos accidentes apenas que nós, distinguindo-as, as conhecemos, a realidade verdadeiramente e em si é Nada.

Religiosamente, Nada é igual a Nirvãna; e o buddhismo é a unica religião que attingiu esta conclusão, summaria do pensamento scientifico moderno. O Nirvãna é esse estado em que os seres, despindo-se de todas as suas modalidades e accidentes, de todas as con-

dições de realidade, condições que os limitam distinguindo-os entre si, adquirem a não-realidade (o não-contingente) e com ella a existencia absoluta e a absoluta liberdade. Essa liberdade é o typo e a essencia da vida espiritual; e o Nirvâna, puro Não-Ser para a intelligencia, é, para o sentimento moral, o symbolo e o vehiculo de toda a perfeição e virtude: radicalmente negativo na esphera da razão, é, na esphera do sentimento, absolutamente affirmativo. O pessimismo torna-se d'esta fórma um optimismo gigantesco; toda a inercia é condemnada, e o systema das cousas, agitando-se, movendo-se na direcção do aniquilamento final, move-se e agita-se no sentido de uma liberdade evolutivamente progressiva até attingir a plenitude. O Universo é uma grande vida que tem, no termo, o termo de todas as vidas—a morte, idealisada agora e tornada luminosa e appetecivel por essa idealisação.

Leiam-se os dois sonetos *Redempção*, talvez os mais bellos de todo o livro, e comprehender-se-ha melhor o que fica dito. Leia-se o *Elogio da morte*

Dormirei no teu seio inalteravel,
Na communhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolavel!

e ver-se-ha quanto estamos longe do desespero tragico de outros annos. A tempestade acalmou.

Na esphera do invisivel, do intangivel,
Sobre desertos, vacuo, solidade,
Vôa e paira o espirito impassivel

presidindo á evolução dos seres (V. o soneto *Evolução*) desde a rocha até ao homem, evolução que seria absolutamente inexpressiva se não tivesse um destino, um fim, um ideal. A theoria do progresso indefinido é, com effeito, racionalmente absurda. Esse destino, para os neo-buddhistas, é o Nada transcendente; esse ideal é a Liberdade. A existencia está pois consagrada racionalmente: falta consagral-a sentimentalmente. Falta ainda ao systema um medianeiro: é o Amor.

Porém o coração feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dor.

O Universo está pois construido e sanctificado na mente do poeta e na razão do philosopho. Dir-se-ha portanto que a chimera de que a principio fallámos fi-

cou desvendada, o problema resolvido, conciliada a visão com a razão, e que nos não resta mais do que fazer-mo-nos todos buddhistas? Supprema illusão! Crea-o embora o poeta: eu, como critico, observando que o pensamento humano, desde que existe e trabalha, progride sempre, com effeito, mas progride em tres estradas parallelas que, por serem parallelas, nunca podem encontrar-se, atrevo-me a affirmar a irreductibilidade do mysticismo, racional ou imaginativamente concebido, e do naturalismo, ponderada ou orgiacamente realiado. Atrevo-me a dizer que estes dois feitios ou temperamentos são constitucionaes do espirito humano, e que da coexistencia necessaria d'elles resulta um terceiro — o sceptico, o critico, o que provêm da comparação de ambos, e por isso não tem côr, nem é affirmativo; dando-se melhor com a natureza do que com a phantasmagoria, preferindo a harmonia mais ou menos equilibrada, ou mais ou menos claudicante do hellenismo, á orgia desenfreada dos orientaes; considerando a existencia como um compromisso, o dever como uma condição da vida, mas tambem a fraqueza como uma condição dos homens. Estes tres temperamentos são correspondentes a typos eternos e irreductiveis da consciencia humana; e, se o buddhismo é a melhor religião para um mystico do seculo XIX, saturado de scien-

cia e derreado de cogitações, o christianismo, como directo herdeiro do hellenismo, hade eternamente satisfazer melhor os scepticos e os naturalistas, cujo numero é e foi sempre infinitamente maior, entre os europeos.

« Um hellenismo coroadado por um buddhismo » eis a formula com que mais de uma vez Anthero de Quental me tem exprimido o seu pensamento—a sua chimera ! Chimera, digo, por que a corôa não nos pôde assentar na cabeça, sob pena de a crivar de espinhos e de a deixar escorrendo sangue. Fundar o principio da acção na inercia systematica, a realidade no não-ser, a vida no aniquilamento, só é praticamente accetavel para o commum de homens quando acreditem na metempsychose, dogma tão infantilmente mythico do buddhismo como v. g. o inferno do christianismo. Ao christianismo, porém, tirando-se-lhe tudo quanto a imaginação semita deu para a sua formação, fica ainda o hellenismo, isto é, um idealismo mais ou menos pantheista e uma theoria moral— cousas que eu não affirmo que resistam a uma analyse rigorosamente logica, por isso mesmo que todo o nosso conhecimento racional das cousas assenta apenas sobre axiomas do senso commum —ao passo que, em se tirando a metempsychose ao buddhismo, o buddhismo reduz-se a uma nevoa de abstracções.

Pobre humanidade, se se visse condemnada á coroação buddhista! Nós europeos, incapazes de nos sujeitarmos ao regime da contemplação inerte, soffreríamos as agonias, experimentaríamos as afflicções do poeta que, tendo no peito um coração activo, tem na cabeça uma imaginação mystica, e, para obedecer ao pensamento, tortura o coração, sem poder tambem esmagal-o sob o mando da intelligencia.

D'este cruel estado vêm os documentos que attestam a transformação soffrida pela ironia dos periodos anteriores. Que nome se hade dar ao sentimento que inspira os sonetos *A' Virgem Santissima* e o *Na mão de Deus* que fecha o volume? Eu por mim chamarei humorismo transcendente a essa liga intima da piedade e da ironia, e declaro que nunca vi cousa parecida posta em verso. Em prosa, ha mais de um periodo de Renan inspirado por um espirito semelhante, embora menos agudo.

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa,
E deixa-me sonhar a vida inteira!

A visão é a *Virgem Santissima*, e a poesia é tão sincera, tão verdadeira, tão cheia de piedade e unccção,

que eu sei de mais de um livro de resas onde andam copias escriptas.

Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Um monge christão escreveria isto. E Anthero de Quental nem é christão, nem crê em Deus, nem na Virgem, segundo o sentido ordinario da palavra crer.

Blasphemar era bom n'outros tempos; para a ironia tambem a idade passou; finalmente para o *exercício litterario* nunca se inclinou a penna que o poeta molhou sempre no seu sangue. Como explicar, pois, o phenomeno?

Por acaso subiu já o leitor ao cume de um monte sufficientemente alto para que toda a paysagem lhe apparecesse á vista, fundida a ponto de não distinguir uma arvore de um cazal, nem um rio de um valle sem curso de agua? Pois succede assim nas campinas da historia do pensamento humano, quando as olhamos das cumiadas luminosas da critica. Vêem-se as cousas na sua essencia, não importam os accidentes. O fetiche que o selvagem adora, a imagem perante a qual se prostra o commum dos crentes, o architecto universal dos pensadores livres, e finalmente esse *quid* innominado a que

a philosophia moderna chamou Inconsciente — tudo isso é igualmente Deus : sómente é Deus percebido pela imaginação infantil, Deus percebido pela intelligencia vulgar, Deus percebido pelo saber incipiente, e Deus finalmente incomprehendido, mas sentido, pela sabedoria. E todas essas modalidades de uma mesma impressão, recebida e representada de fórma diversa, consoante a natureza e o estado de educação dos homens, são igualmente verdadeiras, igualmente santas e igualmente humoristicas, para aquelle que tem coração para sentir as cousas por dentro, e olhos para as ver de fora — objectivamente, como os allemães dizem, e nós diremos criticamente.

Eis ahi a suprema liberdade do espirito, o Nirvâna apenas intellectual, a que eu prefiro chamar impassibilidade subjectiva : um estado que permite comprehender todas as cousas, analysando-as e classificando-as, sem todavia nos transmittir essa especie de frialdade de coração, propria dos naturalistas quando estudam uma rocha, uma planta ou um animal. O philosopho, impassível ao analysar e classificar os phenomenos do espirito humano, ha-de misturar ao sorriso que provocam todas as vaidades e illusões, o amor que merecem todos os sentimentos ingenuos e fundamentalmente bons ; ha-de alliar á comprehensão da nullidade extrinseca das

cóusas, a comprehensão da sua excellencia intrinseca ; exigindo que o homem seja activo, porque a actividade é boa por ser indispensavel á saude do espirito, embora os objectos da actividade sejam as mais das vezes irritos e nullos, quando considerados em si proprios e isoladamente.

E eis ahí as razões porque eu não sou buddhista . . . nem Anthero de Quental o é, embora julgue sel-o. A evolução dolorosa que terminou com o seu ultimo soneto, esta longa e tempestuosa viagem atravez do mar tenebroso da phantasia metaphisica, parece ter concluído. A idade, talvez, acima de tudo, trouxe ao espirito do poeta uma paz illuminada de bondade e sabedoria, e como a sua alma é san e a sua intelligencia firme e sempre activa, é mais que provavel que o declinar da vida de Anthero de Quental enriqueça o peculio por signal bem pobre da philosophia portugueza com algum trabalho tão digno de se conservar na memoria dos tempos, como estes *Sonetos* que são as amargas flores de uma mocidade. Esse trabalho, porem, não será um cathecismo buddhista, não pode ser nenhuma revelação milagrosa do *verdadeiro* systema, porque a sabedoria nos diz que toda a pretensão de Verdade é illusoria, pois sendo nós, a nossa intelligencia, os nossos pensamentos, simples e fugitivas contingencias, é loucura

pensar que jamais possamos definir o Absoluto. Cada qual sente-o a seu modo, segundo o seu temperamento; e sabio é aquelle que se limita a registrar as relações das cousas.

III

Quem deante d'estes versos não sentir elevar-se-lhe o espirito, como n'uma oração, áquella especie de Deus que é compativel com o seu temperamento ou com o estado de educação do seu pensamento, é por que tem dentro do peito, no logar do coração, um seixo polido e frio. Quem, no meio do lidar da vida, roçando os braços pelas arestas cortantes que a erriçam de angulos, pousar o olhar da alma sobre um d'estes sonetos e não sentir o que os sequiosos sentem ao encontrarem um arroio de agua limpida, é porque tem a alma feita apenas de egoismo. Quem, emergindo dos montões de papelada que as imprensas vomitam diariamente, deitar os olhos sobre estas paginas, e não sentir o deslumbramento que os diamantes produzem, é porque a sua vista se embaciou com o exame dos livros grosseiros em todo o sentido, e a sua lingua perdeu o habito de fallar portuguez.

Um dos nossos mais queridos amigos, um dos que

conhecem de perto Anthero de Quental — e sómente o conhece quem com elle viveu largo tempo na intimidade — interroga-me geralmente d'este modo: « *E santo Anthero, como vae?* »

Dil-o com a convicção quente dos artistas, mas eu, que o não sou, tenho a pôr embargos, porque a santidade não é planta adequada ao clima do nosso tempo. Exige uma porção de sentimento ingenuo que já não ha nos ares que respiramos.

A vida contemplativa, porem, a vida asceta inclusivamente: essa virtude austera para consigo, tolerante para com tudo e para com todos; esse observar constante de si proprio e o dispensar de um sorriso sempre bom, embora indifferente com frequencia, aos que alguma vcz o rodeiam; a caridade, o amor, a abnegação, as tentações, as crises, as lagrimas, as afflicções, as duvidas cruciantes e as dores angustiosas: tudo o que, reunido, forma uma alma mystica — tudo isso móra na alma d'este poeta arrebatada pela visão inextinguivel do Bem.

Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e affirma o Bem.

E para nada faltar a este mystico, anachronicamente

perdido no meio do borbórinho de um seculo activo até á demencia, tem tambem uma fé ardente — uma fé buddhista. Somente o seu Deus, Deus sem vontade, sem intelligencia e sem consciencia, é, para nós outros, a quem são vedados os mysterios da metaphisica buddhista, igual a cousa nenhuma.

Este homem, fundamentalmente bom, se tivesse vivido no seculo VI ou no seculo XIII, seria um dos companheiros de S. Bento ou de S. Francisco de Assis. No seculo XIX é um excentrico, mas d'esse feitio de excentricidade que é indispensavel, porque a todos os tempos foram indispensaveis os herejes, a que hoje se chama dissidentes.

Oliveira Martins.

OS CAPTIVOS

Encostados ás grades da prisão,
Olham o céu os pallidos captivos.
Já com raios obliquos, fugitivos,
Despede o sol um ultimo clarão.

Entre sombras, ao longe, vagamente,
Morrem as vozes na extensão saudosa.
Cae do espaço, pesada, silenciosa,
A tristeza das cousas, lentamente.

*

E os captivos suspiram. Bandos de aves
Passam velozes, passam apressados,
Como absortos em íntimos cuidados,
Como absortos em pensamentos graves.

E dizem os captivos: Na amplidão
Jamais se extingue a eterna claridade...
A ave tem o vôo e a liberdade...
O homem tem os muros da prisão!

Aonde ides? qual é vossa jornada?
À luz? à aurora? à immensidade? aonde?
— Porém o bando passa e mal responde:
À noite, à escuridão, ao abysmo, ao nada! —

E os captivos suspiram. Surge o vento,
Surge e perpassa esquivo e inquieto,
Como quem traz algum pezar secreto,
Como quem sofre e cala algum tormento. .

E dizem os captivos: Que tristezas,
Que segredos antigos, que desditas,
Caminheiro de estradas infinitas,
Te levam a gemer pelas devezas?

Tu que procuras? que visão sagrada
Te acena da soidão onde se esconde?
— Porém o vento passa e só responde:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada! —

E os captivos suspiram novamente.
Como antigos pezares mal extintos,
Como vagos desejos indistinctos,
Surgem do escuro os astros, lentamente.

E fitam-se, em silencio indecifavel,
Contemplam-se de longe, mysteriosos,
Como quem tem segredos dolorosos,
Como quem ama e vive inconsolavel...

E dizem os captivos: Que problemas
Eternos, primitivos vos attrahem?
Que luz fitaes no centro d'onde saem
A flux, em jorro, as intuições supremas?

Por que esperaes? n'essa amplidão sagrada
Que soluções esplendidas se escondem?
— Porém os astros tristes só respondem:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada! —

Assim a noite passa. Rumorosos
Susurram os pinhaes meditativos.
Encostados ás grades, os captivos
Olham o céu e choram silenciosos.

OS VENCIDOS

Tres cavalleiros seguem lentamente
Por uma estrada erma e pedregosa.
Geme o vento na selva rumorosa,
Cae a noite do céu, pesadamente.

Vacilam-lhes nas mãos as armas rotas,
Têm os corceis poentos e abatidos,
Em desalinho trazem os vestidos,
Das feridas lhes cae o sangue, em gotas.

A derrota, traiçoeira e pavorosa,
As frentes lhes curvou, com mão potente.
No horisonte escuro do poente
Destaca-se uma mancha sanguinosa.

E o primeiro dos tres, erguendo os braços,
Diz n'um soluço: « Amei e fui amado!
Levou-me uma visão, arrebatado,
Como em carro de luz, pelos espaços!

Com largo vôo, penetrei na esfera
Onde vivem as almas que se adoram,
Livre, contente e bom, como os que moram
Entre os astros, na eterna primavera.

Porque irrompe no azul do puro amor
O sopro do desejo pestilente?
Ai do que um dia recebeu de frente
O seu halito rude e queimador!

A flor rubra e olorosa da paixão
Abre languida ao raio matutino,
Mas seu profundo calix purpurino
Só reçuma veneno e podridão.

Irmãos, amei — amei e fui amado...
Por isso vago incerto e fugitivo,
E corre lentamente um sangue esquivo
Em gotas, de meu peito alanceado.»

Responde-lhe o segundo cavalleiro,
Com sorriso de tragica amargura:
« Amei os homens e sonhei ventura,
Pela justiça heroica, ao mundo inteiro.

Pelo direito, ergui a voz ardente
No meio das revoltas homicidas :
Caminhando entre raças oprimidas,
Fil-as surgir, como um clarim fremente.

Quando ha de vir o dia da justiça ?
Quando ha de vir o dia do resgate ?
Trahio-me o gladio em meio do combate
E semei na areia movediça !

As nações, com sorriso bestial,
Abrem, sem ler, o livro do futuro.
O povo dorme em paz no seu monturo,
Como em leito de purpura real.

Irmãos, amei os homens e contente
Por elles combati, com mente justa...
Por isso morro à mingoa e a areia adusta
Bebe agora meu sangue, ingloriamente. »

Diz então o terceiro cavalleiro :
« Amei a Deus e em Deus puz alma e tudo.
Fiz do seu nome fortaleza e escudo
No combate do mundo traiçoeiro.

Invoquei-o nas horas affrontosas
Em que o mal e o peccado dão assalto.
Procurei-o, com ancia e sobresalto,
Sondando mil sciencias duvidosas.

Que vento de ruina bate os muros
Do templo eterno, o templo sacrosanto ?
Rolam, desabam, com fragor e espanto,
Os astros pelo céu, frios e escuros !

Vacila o sol e os santos desesperam . . .
Tédio reçuma a luz dos dias vãos . . .
Ai dos que juntam com fervor as mãos !
Ai dos que crêem ! ai dos que inda esperam !

Irmãos, amei a Deus, com fé profunda . . .
Por isso vago sem conforto e incerto,
Arrastando entre as urzes do deserto
Um corpo exangue e uma alma moribunda. »

E os tres, unindo a voz n'um ai supremo,
E deixando pender as mãos cançadas
Sobre as armas inúteis e quebradas,
N'um gesto inerte de abandono extremo,

Sumiram-se na sombra duvidosa
Da montanha calada e formidável,
Sumiram-se na selva impenetrável
E no palor da noite silenciosa.

ENTRE SOMBRAS

Vem às vezes sentar-se ao pé de mim
— A noite desce, desfolhando as rosas —
Vem ter commigo, às horas duvidosas,
Uma visão, com azas de setim . . .

Pousa de leve a delicada mão
— Rescende aroma a noite socegada —
Pousa a mão compassiva e perfumada
Sobre o meu dolorido coração . . .

E diz-me essa visão compadecida
 — Há suspiros no espaço vaporoso —
 Diz-me: Porque é que choras silencioso?
 Porque é tão erma e triste a tua vida?

Vem comigo! Embalado nos meus braços
 — Na noite funda há um silêncio santo —
 N'um sonho feito só de luz e encanto
 Transportas a dormir esses espaços...

Porque eu habito a região distante
 — A noite exhala uma doçura infanda —
 Onde ainda se crê e se ama afada,
 Onde uma aurora igual brilha constante...:

Habitó ali, e tu virás comigo
 — Palpita a noite n'um clarão que offusca —
 Porque eu venho de longe, em tua busca,
 Trazê-te paz e alívio, pobre amigo...:

Assim me falá essa visão nocturna
 — No vago espaço há vozes doiradas —
 São as suas palavras carinhosas
 Água corrente em cristalina tufá...:

Mas tu escutas-a imóvel, somnolento
 — A noite vê-te um desconcerto imenso —
 Sinto nos membros como um chumbo denso,
 E mudo e tenebroso o pensamento...:

Fito-a, n'um passo doloroso absorto
 — A noite é erma como câmpa enorme —
 Fito-a com olhos turvos de quem dorme
 E respondo: Bem sabes que estou morto!

HYMNO DA MANHÃ

Tu, casta e alegre luz da madrugada,
Sobe, cresce no céu, pura e vibrante,
E enche de força o coração triunfante
Dos que ainda esperam, luz immaculada!

Mas a mim pões-me tu tristeza imensa
No desolado coração. Mais quero
A noite negra, irmã do desespero,
A noite solitaria, imovel, densa,

O vacuo mudo, onde astro não palpita,
Nem avc canta, nem susurra o vento,
E adormece o proprio pensamento,
Do que a luz matinal... a luz bendita!

Porque a noite é a imagem do Não-Ser,
Imagem do repouso inalteravel
E do esquecimento inviolavel,
Que aneia o mundo, farto de soffrer...

Porque nas trevas sonda, fixo e absorto,
O nada universal o pensamento,
E despreza o viver e o seu tormento,
E olvida, como quem está já morto...

E, interrogando intrepido o Destino,
Como reu o renega e o condemna,
E virando-se, fita em paz serena
O vacuo augusto, placido e divino...

Porque a noite é a imagem da Verdade,
Que está além das cousas transitorias,
Das paixões e das formas illusorias,
Onde sómente ha dor e falsidade...

Mas tu, radiante luz, luz gloriosa,
De que és symbolo tu? do eterno engano,
Que envolve o mundo e o coração humano
Em rede de mil malhas, mysteriosa!

Symbolo, sim, da universal traição,
D'uma promessa sempre renovada
E sempre e eternamente perjurada,
Tu, mãe da Vida e mãe da Illusão...

Outros estendam para ti as mãos,
Supplicantes, com fé, com esperança...
Ponham outros seu bem, sua confiança
Nas promessas e a luz dos dias vão...

Eu não! Ao ver-te, penso: Que agonia
E que tortura ainda não provada
Hoje me ensinará esta alvorada?
E digo: Porque nasce mais um dia?

Antes tu nunca fosses, luz formosa!
Antes nunca existisses! e o Universo
Ficasse inerte e eternamente immerso
Do possível na nevoa duvidosa!

O que trazes ao mundo em cada aurora?
O sentimento só, só a consciencia
D'uma eterna, incuravel impotencia,
Do insaciavel desejo, que o devora!

De que são feitos os mais bellos dias ?
 De combates, de queixas, de terrores !
 De que são feitos ? de illusão, de dores,
 De misérias, de maguas, de agonias !

O sol, inexoravel sementeiro,
 Sem jamais se cansar, percorre o espaço,
 E em borboletas lhe jorram do regaço,
 As sementes innumeradas da Dor !

Oh ! como cresce, sob a luz ardente,
 A seara maldita ! como cresce
 Sob os ventos da vida e como geme
 N'um susurro monotonico e plangente !

E cresce e alastra, em ondas voluptuosas,
 Em ondas de cruel fecundidade,
 Com a força e a subtil tenacidade
 Invencivel das plantas venenosas !

De podridões antigas se alimenta,
 Da antiga podridão do chão fatal...
 Uma fragrança morbida, mortal
 Lhe recheia da seiva peçonhenta...

E é esse aroma languido e profundo,
 Feito de seducções vagas, magneticas,
 De ardor carnal e de attracções poeticas,
 E' esse aroma que envenena o mundo !

Como um clarim soando pelos montes,
 A aurora açorda, placida e inflexivel,
 As misérias da terra : e a hoste horrivel,
 Enchendo de clamor os horizontes,

Torva, cega, colérica, faminta,
Surge mais uma vez e arma-se á pressa
Para o bruto combate, que não cessa,
Onde é vencida sempre e nunca extinta!

Quantos erguem n'esta hora, com esforço,
Para a luz matinal as armas novas,
Pedindo a lucta e as formidaveis provas,
Alegres e erueis e sem remorso,

Que esta tarde ha-de ver, no duro chão
Cahidos e sangrentos, vomitando
Contra o céu, com o sangue miscrando,
Uma extrema e impotente imprecação!

Quantos tambem, de pé, mas esquecidos,
Ha-de a noite encontrar, sós e encostados
A algum marco, chorando aniquilados
As lagrimas qeladas dos vencidos!

E porque? para que? Para que os chamas,
Serena luz, ó luz inexoravel,
Á vida incerta e á lucta inexpiavel,
Com as falsas visões, com que os inflamas?

Para serem o brinco d'um só dia
Na mão indifferente do Destino...
Clarão de fogo-fatuo repentino,
Cruzando entre o nascer e a agonia...

Para serem, no páramo enfadonho,
Á luz de astros malignos e enganosos,
Como um bando de espectros lastimosos,
Como sombras correndo atraz d'um sonho...

Oh! não! luz gloriosa e triumphante!
 Saco-le embora o encanto e as seducções,
 Sobre mim, do teu manto de illusões:
 A meus olhos, és triste e vacillante...

A meus olhos, és baça e luctuosa
 E amarga ao coração, ó luz do dia,
 Como tocha esquecida que allumia
 Vagamente uma crypta monstruosa...

Surges em vão, e em vão, por toda a parte,
 Me envolves, me penetras, com amor...
 Causas-me espanto a mim, causas-me horror,
 E não te posso amar — não quero amar-te!

Symbolo da Mentira universal,
 Da apparencia das cousas fugitivas,
 Que esconde, nas moventes perspectivas,
 Sob o eterno sorriso o eterno Mal,

Symbolo da Illusão, que do infinito
 Fez surgir o Universo, já marcado
 Para a dor, para o mal, para o peccado,
 Symbolo da existencia, sé maldito!

A FADA NEGRA

Uma velha de olhar agudo e frio,
 De olhos sem cor, de labios glaciaes,
 Tomou-me nos seus braços sepulcraes,
 Tomou-me sobre o seio ermo e vasio,

E beijou-me em silencio, longamente,
Longamente me unio á face fria . . .
Oh ! como a minha alma se estorcia
Sob os seus beijos, dolorosamente !

Onde os labios pousou, a carne logo
Myrrou-se e encanecceu-se-me o cabello.
Meus ossos confrangeram-se. O gelo
Do seu bafô seccava mais que o fogo.

Com seu olhar sem cor, que me fitava,
A Fada negra me qualhou o sangue.
Dentro em meu coração inerte e exangue
Um silencio de morte se engolfava.

E volvendo em redor olhos absortos,
O mundo pareceu-me uma visão,
Um grande mar de nevoa, de illusão,
E a luz do sol como um luar de mortos . . .

Como o espectro d'um mundo já defuncto,
Um farrapo de mundo, nevoento,
Ruina aerea que sacode o vento,
Sem cor, sem consistencia, sem conjuncto . . .

E quanto adora quem adora o mundo,
Brilho e ventura, esperar, sorrir,
Eu vi tudo oscilar, pender, cahir,
Inerte e já da cor d'um moribundo.

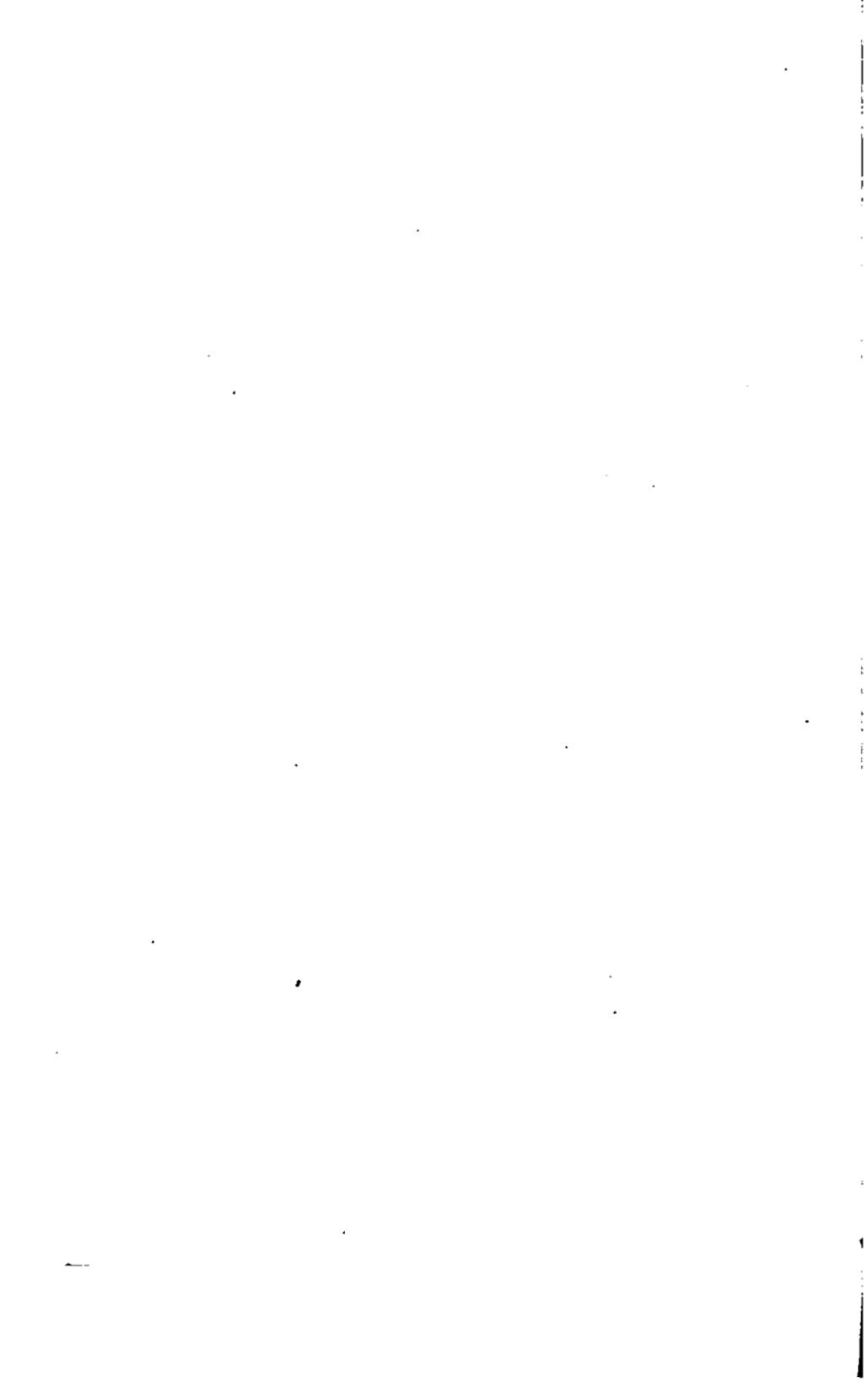
Dentro em meu coração, n'esse momento,
Fcz-se um buraco enorme — e n'esse abysso
Senti ruir não sci que cataclismo,
Como um universal desabamento . . .

Razão! vêha de olhar agudo e cru
E de halito mortal mais do que a peste!
Pelo beijo de gelo que me deste,
Fada negra, bemdita sejas tu!

Bemdita sejas tu pela agonia
E o lucto funeral d'aquella hora
Em que eu vi baquear quanto se adora,
Vi de que noite é feita a luz do dia!

Pelo pranto e as torturas bemfazejas
Do desengano... pela paz austera
D'um morto coração, que nada espera,
Nem desça também... bemdita sejas!

1860—1862





IGNOTO DEO



Que belleza mortal' se te assemelha,
O' sonhada visão d'esta alma ardente,
Que reflectes em mim teu brilho ingente,
Lá como sobre o mar o sol se espelha?

O mundo é grande — e esta ancia me aconselha
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente,
Pelo mundo procuró um Deus clemente,
Mas a arã só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adorô.
Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...

Pura essencia das lagrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no céu ao menos!

L A M E N T O



Um diluvio de luz cae da montanha:
Eis o dia! eis o sol! o esposo amado!
Onde ha por toda a terra um só cuidado
Que não dissipe a luz que o mundo banha?

Flor a custo medrada em erva penha,
Revolto mar ou golfo congelado,
Aonde ha ser de Deus tão olvidado
Para quem paz e alivio o céo não tenha?

Deus é Pae! Pae de toda a creatura:
E a todo o ser o seu amor assiste:
De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura
N'esta hora santa ... e eu só posso ser triste ...
Serei filho, mas filho abandonado!

A M. C.



Poz-te Deus sobre a fronte a mão piedosa :
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar, de amor velado,
E disse-te : « vae, filha, sé formosa ! »

E tu, descendo na onda harmoniosa,
Pousaste n'este solo angustiado,
Estrella envolta n'um clarão sagrado,
Do teu limpido olhar na luz radiosa ...

Mas eu... posso eu acaso merecer-te ?
Deu-te o Senhor, mulher ! o que é vedado,
Anjo ! deu-te o Senhor um mundo á parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais ... a mim o que me ha dado ?
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te !



A

Santos Valente



ESTREITA é do prazer na vida a taça :
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como elle em venturas infecundo,
O cális amargoso da desgraça.

E comtudo nossa alma, quando passa
Incerta peregrina, pelo mundo,
Prazer só pede á vida, amor fecundo,
E' com essa esperança que se abraça.

E' lei de Deus este aspirar immenso ...
E comtudo a illusão impoz á vida,
E manda buscar luz e dá-nos treva !

Ah ! se Deus accendeu um foco intenso
De amor e dor em nós, na ardente lida,
Porque a miragem cria ... ou porque a leva ?

Tormento do Ideal

CONHECI a Belleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;
Assim eu vi o mundo e o que elle encerra
Perder a côr, bem como a navem que erra
Ao pôr do sol e sobre o mar discorre.

Pedindo á fórma, em vão, a idea pura,
Tropéço, em sombras, na materia dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o baptismo dos poetas,
E assentado entre as fórmas incompletas
Para sempre fiquei pallido e triste.



ASPIRAÇÃO



Meus dias vão correndo vagarosos
Sem prazer e sem dôr, e até parece
Que o foco interior já desfallece
E vacilla com raios duvidosos.

E' bella a vida e os annos são formosos,
E nunca ao peito amante o amor fallece...
Mas, se a belleza aqui nos apparece,
Logo outra lembra de mais puros gosos.

Minh'alma, ó Deus! a outros céos aspira:
Se um momento a prendeu mortal belleza,
E' pela eterna patria que suspira...

Porém do presentir dá-me a certeza,
Dá-ma! e sereno, embora a dôr me fira,
Eu sempre bemdirei esta tristeza!



A

Florido Telles



SE comparo poder ou ouro ou fama,
Venturas que em si têm occulto o damno,
Com aquelle outro affecto soberano,
Que amor se diz e é luz de pura chama,

Vejo que são bem como arteira dama,
Que sob honesto riso esconde o engano,
E o que as segue, como homem leviano
Que por um vão prazer deixa quem o ama.

Nasce do orgulho aquelle esteril goso
E a gloria d'elle é cousa fraudulenta,
Como quem na vaidade tem a palma:

Tem na paixão seu brilho mais formoso
E das paixões tambem some-o a tormenta...
Mas a gloria do amor... essa vem d'alma!



PSALMO

—♦—

ESPEREMOS em Deus! Elle ha tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da materia impotente e, n'um só dia,
Luz, movimento, acção, tudo lhe ha dado.

Elle, ao mais pobre de alma, ha tributado
Desvelo e amor: elle conduz á via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado.

E a mim, que aspiro a elle, a mim, que o amo,
Que anceo por mais vida e maior brilho,
Ha-de negar-me o termo d'este anccio?

Buscou quem o não quiz; e a mim, que o chamo,
Ha-de fugir-me, como a ingrato filho?
O' Deus, meu pae e abrigo! espero!... eu creio!

H M. C.



No céu, se existe um céu para quem chora,
Céu, para as magoas de quem sofre tanto...
Se é lá do amor o foco, puro e santo,
Chama que brilha, mas que não devora...

No céu, se uma alma n'esse espaço mora,
Que a prece escuta e enchuga o nosso pranto...
Se ha Pac, que estenda sobre nós o manto
Do amor piedoso... que eu não sinto agora...

No céu, ó virgem! findarão meus males:
Hei-de lá renascer, eu que pareço
Aqui ter só nascido para dôres.

Ali, ó lyrio dos celestes valles!
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.



A

João de Deus



Se é lei, que rege o escuro pensamento,
Ser vã toda a pesquisa da verdade,
Em vez da luz achar a escuridade,
Ser uma queda nova cada invento;

E' lei tambem, embora cru tormento,
Buscar, sempre buscar a claridade,
E só ter como certa realidade
O que nos mostra claro o entendimento.

O que ha-de a alma escolher, em tanto engano?
Se uma hora crê de fé, logo duvida;
Se procura, só acha... o desatino!

Só Deus pôde acudir em tanto damno:
Esperemos a luz d'uma outra vida,
Seja a terra degredo, o céu destino.

▲

Alberto Telles

▽

Só! — Ao ermita sósinho na montanha
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:
No mar, o nauta, que o tufão balança,
Espera um sopro amigo que o céu tenha...

Só! — Mas quem se assentou em riba estranha,
Longe dos seus, já tem inda a lembrança;
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança
Ao que á noite soluça em erma penha...

Só! — Não o é quem na dor, quem nos canções,
Tem um laço que o prenda a este fadario,
Uma crença, um desejo... e inda um cuidado...

Mas cruzar, com desdem, inertes braços,
Mas passar, entre turbas, solitario,
Isto é ser só, é ser abandonado!





A

J. Felix dos Santos



SEMPRE o futuro, sempre! e o presente
Nunca! Que seja esta hora em que se existe
De incerteza e de dor sempre a mais triste,
E só farte o desejo um bem ausente!

Ai! que importa o futuro, se inclemente
Essa hora, em que a esperança nos consiste,
Chega... é presente... e só à dor assiste?...
Assim, qual é a esperança que não mente?

Desventura ou delírio?... O que procuro,
Se me foge, é miragem enganosa,
Se me espera, peior, espectro impuro...

Assim a vida passa vagarosa :
O presente, a aspirar sempre ao futuro :
O futuro, uma sombra mentirosa.

H M. C.



PORQUE descrês, mulher, do amor, da vida?
Porque esse Hermon transformas em Calvario?
Porque deixas que, aos poucos, do sudario
Te aperte o seio a dobra humedecida?

Que visão te fugio, que assim perdida
Buscas em vão n'este crmo solitario?
Que signo obscuro de cruel fadario
Te faz trazer a fronte ao chão pendida?

Nenhum! intacto o bem em ti assiste:
Deus, em penhor, te deu a formosura;
Benções te manda o céu em cada hora.

E descrês do viver?... E eu, pobre e triste,
Que só no teu olhar leio a ventura,
Se tu descrês, em que hei-de eu crer agora?





A

Alberto Sampaio



Não me fales de gloria : é outro o altar
Onde queimo piedoso o meu incenso,
E animado de fogo mais intenso,
De fé mais viva, vou sacrificar.

A gloria ! pois que ha n'ella que adorar ?
Fumo, que sobre o abysmo anda suspenso...
Que vislumbre nos dá do amor immenso ?
Esse amor que ventura faz gosar ?

Ha outro mais perfeito, unico eterno,
Farol sobre ondas tórridas firme,
De immoto brilho, poderoso e terno...

Só esse hei-de buscar, e confundir-me
Na essencia do amor puro, sempiterno...
Quero só n'esse fogo consumir-me !

A

Germano Meyrelles

—

Só males são reais, só dor existe;
Prazeres só os gera a phantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e dia.

Se buscamos o que é, o que devia
Por natureza ser não nos assiste;
Se fiamos n'um bem, que a mente cria,
Que outro remedio ha ahí senão ser triste?

Oh! quem tanto pudera, que passasse
A vida em sonhos só, e nada vira...
Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem fôra tão ditoso que olvidasse...
Mas nem seu mal com elle então dormira,
Que sempre o mal peor é ter nascido!

H M. C.



Não busco n'esta vida gloria ou fama:
Das turbas que me importa o vão ruído?
Hoje, deus... e amanhã, já esquecido
Como esquece o clarão de extincta chama!

Foco incerto, que a luz já mal derrama,
Tal é essa ventura: ceccho perdido,
Quanto mais se chamou, mais escondido
Ficou incerto e mudo á voz que o chama.

D'essa coroa é cada flor um engano,
E' miragem em nuvem illusoria,
E' mote vão de fabuloso arcano.

Mas coroa-me tu; na fronte ingloria
Cinge-me tu o louro soberano...
Verás, verás então se amo essa gloria!

AD AMIGOS

Com vão luctamos. Como nevoa baça,
A incerteza das cousas nos envolve.
Nossa alma, em quanto cria, em quanto volve,
Nas suas proprias redes se embaraça.

O pensamento, que mil planos traça,
É vapor que se esvae e se dissolve ;
E a vontade ambiciosa, que resolve,
Como onda entre rochedos se despedaça.

Filhos do Amor, nossa alma é como um hymno
À luz, à liberdade, ao bem fecundo,
Prece e clamor d'um presentir divino ;

Mas n'um deserto só, arido e fundo,
Ecchoam nossas vozes, que o Destino
Paira mudo e impassivel sobre o mundo.



2

À um crucifixo



HA mil annos, bom Christo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: ha Deus! e olhaste, ó crente,
O horizonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem ecoho o ecoho de teus passos,
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?
Morreste . . . ah! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojáras de novo á campa os membros lassos . . .

Agora, como então, na mesma terra crma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céo, frio como um sudario . . .

E agora, como então, viras o mundo exangue,
E ouviras perguntar — de que servio o sangue
Com que regaste, ó Christo, as urzes do Calvario? —



Desesperança



VAE-TE na aza negra da desgraça,
Pensamento de amor, sombra d'uma hora,
Que abraçei com delirio, vae-te, embora,
Como nuvem que o vento impelle... e passa.

Que arrojemos de nós quem mais se abraça,
Com mais ancia, á nossa alma! e quem devora
D'essa alma o sangue, com que mais vigora,
Como amigo commungue á mesma taça!

Que seja sonho apenas a esperança,
Emquanto a dor eternamente assiste,
E só engane nunca a desventura!

Se em silencio soffrer fóra vingança!..
Envolve-te em ti mesma, ó alma triste,
Talvez sem esperança haja ventura!



BENEFICE

—*—

Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando,
Se foi a nuvem d'ouro ideal que eu vi erguida ;
Depois que vi descer, baixar no céu da vida
Cada estrella e fiquei nas trevas laborando :

Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vacuo só, e tive a luz sumida
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando :

Retirci os meus pés da senda dos abrolhos,
Virei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos
Senão á estrella ideal, que a luz d'amor contém...

Não temas pois — Oh vem ! o céu é puro, e calma
E silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma...
A alma ! não a vês tu ? mulher, mulher ! oh vem !

1862—1866





AMOR VIVO



AMAR! mas d'um amor que tenha vida...
Não sejam sempre tímidos harpejos,
Não sejam só delírios e desejos
D'uma douda cabeça escandecida...

Amor que viva e brilhe! luz fundida
Que penetre o meu ser — e não só beijos
Dados no ar — delírios e desejos —
Mas amor... dos amores que têm vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia
Não virá dissipal-o nos meus braços
Como nevoa da vaga phantasia...

Nem murchará do sol á chama erguida...
Pois que podem os astros dos espaços
Contra uns debeis amores... se têm vida?

VISITA



ADORNOU o meu quarto a flor do cardo,
Perfumei-o de almiscar recendente;
Vesti-me com a púrpura fulgente,
Ensaio meus cantos, como um bardo:

Ungi as mãos e a face com o nardo
Crescido nos jardins do Oriente,
A receber com pompa, dignamente,
Mysteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada
Era essa que assim a mim descia,
Do meu casebre á humida pousada? . . .

Nem princezas, nem fadas. Era, flor,
Era a tua lembrança que batia
Ás portas de ouro e luz do meu amor!

PEQUENINA



Eu bem sei que te chamam *pequenina*
E tenue como o véo solto na dança,
Que és no juízo apenas a *criança*,
Pouco mais, nos vestidos, que a *menina*...

Que és o regato de agua mansa e fina,
A folhinha do til que se balança,
O peito que em correndo logo cança,
A fronte que ao soffrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi de angustia e de receio
Ouvindo do infinito os fundos ecos,

Que não quero imperar nem já ser rei
Senão tendo meus reinos em teu seio
E subditos, criança, em teus bonecos!





ה שולחמים



Ego dormio, et cor meum vigilat.

CANTICO DOS CANTICOS.

QUEM anda lá por fóra, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Sutil nos passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de criancinha?

Um sonho me accordou . . . não sei que tinha . . .
Pareceu-me sentil-o aqui tão perto . . .
Seja alta noite, seja n'um deserto,
Quem ama até em sonhos adivinha . . .

Môças da minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que pôde ir contente e descançado,

Pois se tão cedo adormeci, conforme
É meu costume, olhai, dormia embora,
Porque o meu coração é que não dorme . . .

Sonho oriental



Sonho-me às vezes rei, n'alguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as águas brilha...

O aroma da magnolia e da baunilha
Paira no ar diaphano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...

E enquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto n'um scismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descanças debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leito familiar.



Quinze annos

T

Eu amo a vasta sombra das montanhas,
Que estendem sobre os largos continentes
Os seus braços de rocha negra, ingontes,
Bem como braços colossaes de aranhas.

D'ali o nosso olhar vé tão estranhas
Cousas, por esse céol e tão ardentes
Visões, lá n'esse mar de ondas trementes!
E ás estrellas, d'ali, vé-as tamanhas!

Amo a grandeza mysteriosa e vasta . . .
A grande idea, como a flor e o viço
Da arvore colossal que nos domina . . .

Mas tu, criança, sé tu boa . . . e basta:
Sabe amar e sorrir . . . é pouco isso?
Mas a ti só te quero pequenina!

IDYLICO

—♦—

QUANDO nós vamos ambos, de mãos dadas,
Colher nos valles lyrios e boninas,
E galgamos d'um folego as colinas
Dos rocios da noite inda orvafhadas;

Ou, vendo o mar, das ermas cumiadas,
Contemplamos as nuvens vespertinas,
Que parecem phantasticas ruinas
Ao longe, no horisonte, amontoadas:

Quantas vezes, de subito, emmudeces!
Não sei que luz no teu olhar fructua;
Sinto tremor-te a mão, e empallideces...

O vento e o mar murmuraem orações,
E a poesia das cousas se insinua
Lenta e amorosa em nossos corações.



NOCTURNO

—○—

ESPÍRITO que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a lua,
Filho esquivo da noite que fluctua,
Tu só entendes bem o meu tormento...

Como um canto longinquo — triste e lento —
Que voa e sutilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consome,
Tu só, Genio da Noite, e mais ninguém!

S O N H O



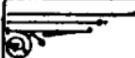
S O N H E I — nem sempre o sonho é cousa vã —
Que um vento me levava arrebatado,
Atravez d'esse espaço constellado
Onde uma aurora eterna ri louçã ...

As estrellas, que guardam a manhã,
Ao verem-me passar triste e calado,
Olhavam-me e diziam com cuidado:
Onde está, pobre amigo, a nossa irmã?

Mas eu baixava os olhos, receoso
Que trahissem as grandes magoas minhas,
E passava furtivo e silencioso,

Nem ousava contar-lhes, ás estrellas,
Contar ás tuas puras irmansinhas
Quanto és falsa, meu bem, e indigna d'ellas!





AMARIZADO



Só por ti, astro ainda e sempre occulto,
Sombra do Amor e sonho da Verdade,
Divago eu pelo mundo e em anciedade
Meu proprio coração em mim sepulto.

De templo em templo, em vão, levo o meu culto,
Levo as flores d'uma intima piedade.
Vejo os votos da minha mocidade
Receberem sómente escarnio e insulto.

A' beira do caminho me assentei...
Escutarei passar o agreste vento,
Exclamando: assim passe quanto amei! —

Oh minh'alma, que creste na virtude!
O que será velhice e desalento,
Se isto se chama aurora e juventude?

ABNEGÇÃO

T

CHOVAM lyrios e rosas no teu collo!
Chovam hymnos de gloria na tua alma!
Hymnos de gloria e adoração e calma,
Meu amor, minha pomba e meu consolo!

Dê-te estrellas o céu, flores o solo,
Cantos e aroma o ar e sombra a palma,
E quando surge a lua e o mar se acalma,
Sonhos sem fim seu preguiçoso rolo!

E nem sequer te lembres de que eu choro...
Esquece até, esquece, que te adoro...
E ao passares por mim, sem que me olhes,

Possam das minhas lagrimas crucis
Nascer sob os teus pés flores fieis,
Que pisces distrahida ou rindo esfolhes!





APPARIÇÃO



Um dia, meu amor (e talvez cedo,
Que já sinto estalar-me o coração!)
Recordarás com dor e compaixão
As ternas juras que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
Da lamparina ao tremulo clarão,
Ante ti surgirei, espectro vão,
Larva fugida ao sepulcral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, entre gemidos
E afflictos ais, estenderás os braços
Tentando segurar-te aos meus vestidos...

— «Ouve! espera!» — Mas eu, sem te escutar,
Fugirei, como um sonho, aos teus abraços
E como fumo sumir-me-hei no ar!

ACCORDANDO



Em sonho, ás vezes, se o sonhar quebranta
Este meu vão soffrer, esta agonia,
Como sobe cantando a cotovia,
Para o céo a minh'alma sobe e canta.

Canta a luz, a alvorada, a estrella santa,
Que ao mundo traz piedosa mais um dia...
Canta o enlevo das cousas, a alegria
Que as penetra de amor e as alevanta...

Mas, de repente, um vento humido e frio
Sopra sobre o meu sonho: um calafrio
Me accorda. — A noite é negra e muda: a dor

Cá vela, como d'antes, ao meu lado...
Os meus cantos de luz, anjo adorado,
São sonho só, e sonho o meu amor!



MÃE...



Mãe — que adormente este viver dorido,
E me vele esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas ate o fio
Do meu pobre existir, meio partido . . .

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sitio mais sombrio . . .
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido . . .

Eu dava o meu orgulho de homem — dava
Minha esteril sciencia, sem receio,
E em debil criancinha me tornava,

Descuidada, feliz, docil tambem,
Se eu pudesse dormir sobre o teu scio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

Na capella



Na capella, perdida entre a folhagem,
O Christo, lá no fundo, agonisava...
Oh! como intimamente se casava
Com minha dor a dor d'aquella imagem!

Filhos ambos do amor, igual miragem
Nos roçou pela fronte, que escaidava...
Igual traição, que o affecto mascarava,
Nos deu supplicio ás mãos da villanagem...

E agora, ali, em quanto da floresta
A sombra se infiltrava lenta e mesta,
Vencidos ambos, martyres do Fado,

Fitavamo-nos mudeos — dor igual! —
Nem, dos dois, saberei dizer-vos qual
Mais pallido, mais triste e mais cançado...



Velut Umbra



Fumo e scismo. Os castellos do horizonte
Erguem-se, à tarde, e crescem, de mil cores,
E ora espalham no céu vivos ardores,
Ora fumam, vulcões de estranho monte...

Depois, que formas vagas vêm defronte,
Que parecem sonhar "loucos amores?
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca d'esse aereo Acheronte...

Apago o meu charuto quando apagas
Teu facho, oh sol... ficamos todos sós...
E' n'esta solidão que me consumo!

Oh nuvens do Occidente, oh cousas vagas,
Bem vos entendo a cor, pois, como a vós,
Belleza e altura se me vão em fumo!

MEH CULPA



Não duvido que o mundo no seu eixo
Gire suspenso e volva em harmonia;
Que o homem suba e vá da noite ao dia,
E a homem vá subindo insecto e seixo.

Não chamo a Deus tyranno, nem me queixo,
Nem chamo ao céu da vida noite fria:
Não chamo à existencia hora sombria;
Acaso, á ordem; nem á lei desleixo.

A Natureza é minha mãe ainda . . .
E' minha mãe . . . Ah, se eu á face linda
Não sei sorrir; se estou desesperado;

Se nada ha que me aqueça esta frieza;
Se estou cheio de fel e de tristeza . . .
E' de crer que só eu seja o culpado!

O Palacio da Ventura



Sonho que sou um cavalleiro andante.
Por desertos, por sóes, por noite escura,
Paladino do amor, busco anhelante
O palacio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exhausto e vacillante,
Quebrada a espada já, rota a armadura . . .
E eis que subito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aerea formosura!

Com grandes golpes bato á porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Desherdado . . .
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor . . .
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silencio e escuridão — e nada mais!





JURJ



PELAS rugas da fronte que medita . . .
Pelo olhar que interroga — e não vê nada . . .
Pela miséria e pela mão gelada
Que apaga a estrella que nossa alma fita . . .

Pelo estertor da chama que crepita
No ultimo arranco d'uma luz minguada . . .
Pelo grito feroz da abandonada
Que um momento de amante fez maldita . . .

Por quanto ha de fatal, por quanto ha mixto
De sombra e de pavor sob uma lousa . . .
Oh pomba meiga, pomba da esperanza!

Eu t'ó juro, menina, tenho visto
Cousas terriveis — mas jamais vi cousa
Mais feroz do que um riso de criança!

IDEAL



AQUELLA, que eu adoro, não é feita
De lyrios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas languidas, divinas
Da antiga Venus de cintura estreita . . .

Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortaes entre ruínas,
Nem a Amazona, que se agarra às crinas
D'um corcel e combate satisfeita . . .

A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dá a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino . . .

E' como uma miragem, que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpavel do Descjo . . .



2

Enquanto outros combatem



EMPUNHAR-se eu a espada dos valentes!
Impellir-se-me a acção, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o Fado
Dão a lei aos reis tremulos e às gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...
Ou cahira radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gladios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inúteis annos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e anciedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
D'esta pallida e esteril mocidade!



DESPONDENCY



DEIXAL-A ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as asas partidas a levaram...

Deixal-a ir, a vela, que arrojaram
Os tubões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu da immensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixal-a ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
À morte queda, à morte silenciosa..

Deixal-a ir, a nota desprendida
D'um canto extremo... e a ultima esperança...
E a vida... e o amor... deixal-a ir, a vida!

Das Unnennbare



Ou chimera, que passas embalada
Na onda de meus sonhos dolorosos,
E roças co'os vestidos vaporosos
A minha fronte pallida e cançada!

Leva-te o ar da noite socegada . . .
Pergunto em vão, com olhos anciosos,
Que nome é que te dão os venturosos
No teu paiz, mysteriosa fada!

Mas que destino o meu! e que luz baça
A d'esta aurora, igual á do sol posto,
Quando só nuvem livida esvoaça!

Que nem a noite uma illusão consinta!
Que só de longe e em sonhos te presinta . . .
E nem em sonhos possa ver-te o rosto!



Metempsychosę



ARDENTES filhas do prazer; dizei-me!
Vossos sonhos quacs são, depois da orgia?
Acaso nunca a imagem fugidia
Do que fostes, em vós se agita e freme?

N'outra vida e outra esphera, aonde geme
Outro vento, e se accende um outro dia,
Que corpo tinheis? que materia fria
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras,
Arrastando, leóas ou pantheras,
De dentadas de amor um corpo exangue...

Mordei pois esta carne palpitante,
Feras feitas de gaze fluctuante...
Lobas! leóas! sim, bebei meu sangue!



UMA AMIGA



AQUELLES, que eu amei, não sci que vento
Os dispersou no mundo, que os não vejo...
Estendo os braços e nas trevas beijo
Visões que á noite evoca o sentimento...

Outros me causam mais cruel tormento
Que a saudade dos mortos... que eu invejo...
Passam por mim, mas como que têm pejo
Da minha soledade e abatimento!

D'aquella primavera venturosa
Não resta uma flor só, uma só rosa...
Tudo o vento varreu, queimou o gelo!

Tu só foste fiel — tu, como d'antes,
Inda volves teus olhos radiantes...
Para ver o meu mal... e escarnece!-o!

À uma mulher



PARA tristezas, para dor nasceste.
Podia a sorte por-te o berço estreito
N'algun palacio e ao pé de regio leito,
Em vez d'este areal onde cresceste :

Podia abrir-te as flores — com que veste
As ricas e as felizes — n'esse peito ;
Fazer-te... o que a Fortuna ha sempre feito...
Terias sempre a sorte que tiveste !

Tinhas de ser assim ... Teus olhos fitos,
Que não são d'este mundo e onde eu leio
Uns mysterios tão tristes e infinitos,

Tua voz rara e esse ar vago e esquecido,
Tudo me diz a mim, e assim o creio,
Que para isto só tinhas nascido !





Voz do Outomno



Ouve tu, meu cançado coração,
O que te diz a voz da Natureza :
— « Mais te valera, nú e sem defeza,
Ter nascido em asperrima soidão,

Ter gemido, ainda infante, sobre o chão
Frio e cruel da mais cruel deveza,
Do que emballar-te a Fada da Belleza,
Como emballou, no berço da Illusão !

Mais valera á tua alma visionaria
Silenciosa e triste ter passado
Por entre o mundo hostil e a turba varia,

(Sem ver uma só flor, das mil, que amaste)
Com odío e raiva e dor... que ter sonhado
Os sonhos ideacs que tu sonhaste ! » —

Sepultura romantica

-o-

Ali, onde o mar quebra, n'um cachão
Rugidor e monotono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se ha-de enterrar meu coração.

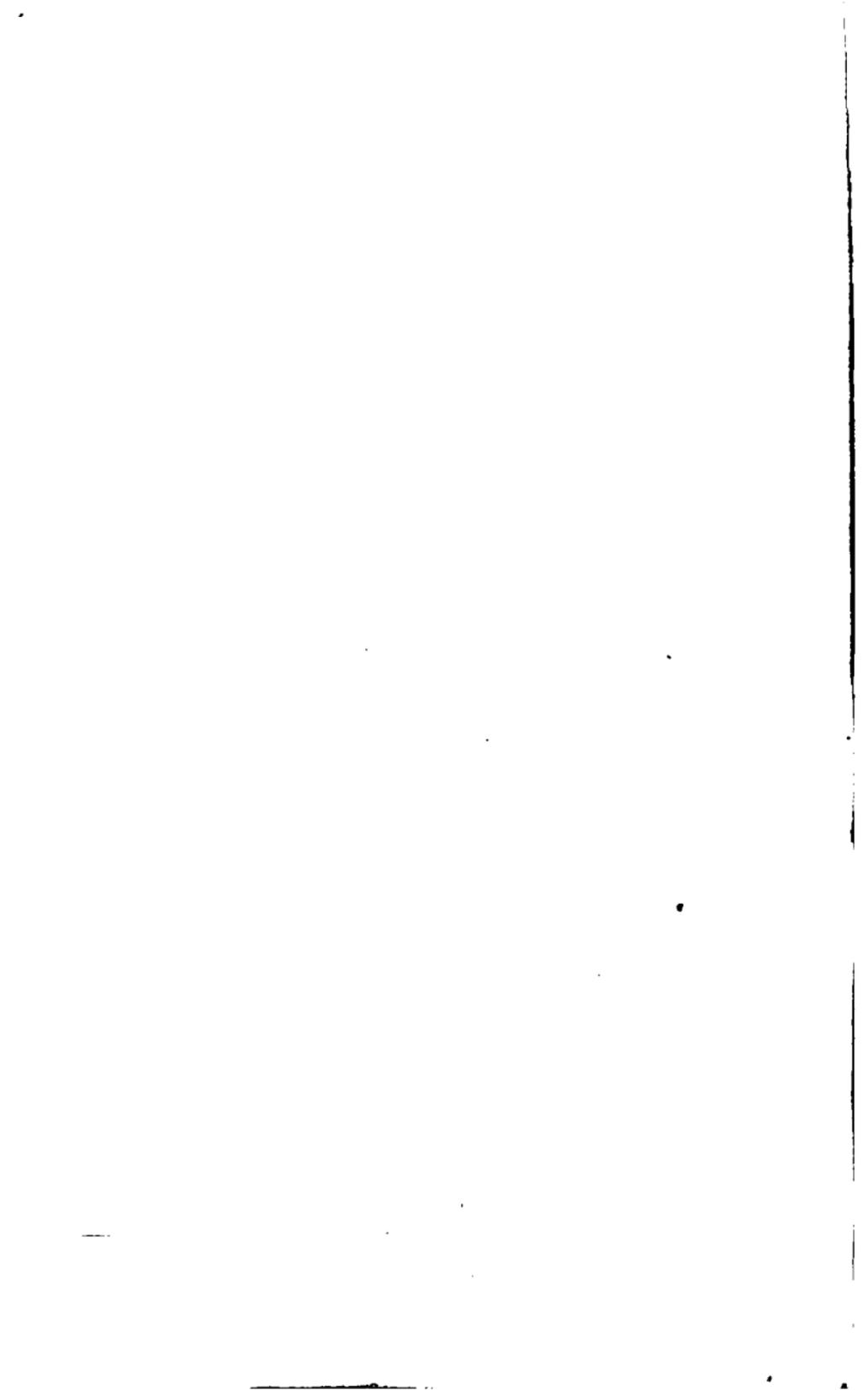
Qucimem-no os sócs da adusta solidão
Na formalha do estio, em dias lentos;
Depois, no inverno, os sopros violentos
Lhe revolvam em torno o arido chão...

Até que se desfaça e, já tornado
Em impalpavel pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar...

Com suas luctas, seu cançado anccio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
D'esse infecundo, d'esse amargo mar!



1864 — 1874





H I D E H



I

Pois que os deuses antigos e os antigos
Divinos sonhos por esse ar se somem,
E á luz do altar da fé, em Templo ou Dolmen,
A apagaram os ventos inimigos ;

Pois que o Sinai se ennubla e os seus pacíficos,
Seccos á mingua de água, se consomem,
E os prophetas d'outrora todos dormem
Esquecidos, em terra sem abrigos ;

Pois que o céu se fechou e já não desce
Na escada de Jacob (na de Jesus !)
Um só anjo, que accete a nossa prece ;

E' que o lyrio da Fé já não renasce :
Deus tapou com a mão a sua luz
E ante os homens velou a sua face !

II

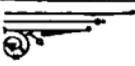
PALIDO Christo, oh conductor divino!
A custo agora a tua mão tão doce
Incerta nos conduz, como se fosse
Teu grande coração perdendo o tino...

A palavra sagrada do Destino
Na bocca dos oraculos seccou-se:
A luz da sarça ardente dissipou-se
Ante os olhos do vago peregrino!

Ante os olhos dos homens — porque o mundo
Desprendido rolou das mãos de Deus,
Como uma cruz das mãos d'um moribundo!

Porque já se não lê seu nome escrito
Entre os astros... e os astros, como atheus,
Já não querem mais lei que o infinito!

↳



III

FORÇA é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de outra nova ponte
Por onde a alma passe — e um alto monte
Aonde se abra á luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,
Avante! é largo, immenso esse horizonte...
Não, não se fecha o mundo! e além, defronte,
E em toda a parte ha luz, vida e carinho!

Avante! os mortos ficarão sepultos...
Mas os vivos que sigam, sacudindo
Como o pó da estrada os velhos cultos!

Doce e brando era o seio de Jesus...
Que importa? havemos de passar, seguindo,
Se além do seio d'elle houver mais luz!

V

IV

CONQUISTA pois sósinho o teu futuro,
Já que os celestes guias te hão deixado,
Sobre uma terra ignota abandonado,
Homem — proscrito rei — mendigo escaro!

Se não tens que esperar do céu (tão puro,
Mas tão cruel!) e o coração magoado
Sentes já de illusões desenganado,
Das illusões do antigo amor perjuro;

Ergue-te, então, na magestade estoica
D'uma vontade solitaria e altiva,
N'um esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadeia,
Prendendo a immensidade eterna e viva
No círculo de luz da tua Idea!



V

Mas a Idea quem é? quem foi que a vio,
Jámais, a essa encoberta peregrina?
Quem lhe beijou a sua mão divina?
Com seu olhar de amor quem se vestio?

Pallida imagem, que a agua de algum rio,
Reflectindo, levou... incerta e fina
Luz, que mal bruxulêa pequenina...
Nuvem, que trouxe o ar, e o ar sumio...

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,
Magros da febre d'um sonhar profundo,
Vós todos que a seguis n'esses espaços!

E emtanto, oh alma triste, alma chorosa,
Tu não tens outra amante em todo o mundo
Mais que essa fria virgem desdenhosa!



VI

OUTRA amante não ha! não ha na vida
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça,
Nem balsamo mais doce, que adormeça
Em nós a antiga, a secular ferida!

Quer fuja esquivã, ou se ofereça erguida,
Como quem sabe amar e amar confessa,
Quer nas nuvens se esconda ou appareça,
Será sempre ella a esposa promettida!

Nossos desejos para ti, oh fria,
Se erguem, bem como os braços do proscrito
Para as bandas da patria, noite e dia.

Podes fugir... nossa alma, delirante,
Seguir-te-ha a travéz do infinito,
Até voltar contigo, triumphante!

VII

O! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes,
Serão leito de amor, tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

As bodas do Desejo; embriagado
De ventura, a final! visões ferventes
De quem nos braços vae de ideias ardentes
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá, por onde se perde a phantasia
No sonho da belleza; lá, aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia;

Lá, no seio da eterna claridade,
Aonde Deus á humana voz responde;
E' que te havemos abraçar, Verdade!



VIII

Lá! Mas aonde é lá? aonde? — Espera,
Coração indomado! o céu, que anseia
A alma fiel, o céu, o céu da Idea,
Em vão o buscas n'essa imensa esfera!

O espaço é mudo: a immensidade austera
De balde noite e dia se incendia...
Em nenhum astro, em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da eterna primavera!

O Paraiso e o templo da Verdade,
Oh mundos, astros, sóes, constelações!
Nenhum de vós o tem na immensidade...

A Idea, o summo Bem, o Verbo, a Essencia,
Só se revela aos homens e ás nações
No céu incorruptível da Consciencia!

A um crucifixo

Lendo, passados 12 annos, o soneto da parte 1.^a
que tem o mesmo título



Não se perdeu teu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,
Plebeu antigo, que amarrado ao poste
Morreste como vil e faccioso.

D'esse sangue maldito e ignominioso
Surgio armada uma invencivel hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses! — poz-te
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa, um homem novo:
De ti data essa tragica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar n'isto,
Lembraremos, herdeiros d'esse povo,
Que entre nossos avós se conta Christo.



DIALOGO



A CRUZ dizia á terra onde assentava,
Ao valle obscuro, ao monte aspero e mudo:
— Que és tu, abysmo e jaula, aonde tudo
Vive na dor e em lucta cega e brava?

Sempre em trabalho, condemnada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, contudo?
Resignada, és só lodo informe e rudo;
Revolta, és só fogo e horrida lava . . .

Mas a mim não ha alta e livre serra
Que me possa igualar! . . amor, firmeza,
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espirito, a luz! . . tu és tristeza,
Oh lodo escuro e vil! — Porém a terra
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

MAIS LUZ!

(A Guilherme de Azevedo)



AMEM a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossiveis,
E os que se inclinam, mudos e impassiveis,
À borda dos abysmos silenciosos . . .

Tu, lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensiveis,
Tanto aos vicios crueis e inextinguiveis,
Como aos longos cuidados dolorosos !

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz : depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heroes !





These e Antithese



I

Já não sei o que vale a nova idea,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, á luz da barricada,
Como bacchante após lubrica ceia...

Sanguinolento o olhar se lhe incendeia;
Respira fumo e fogo embriagada:
A deusa de alma vasta e socegada
Eil-a presa das fúrias de Medea!

Um seculo irritado e truculento
Chama á epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obuz...

Mas a idea é n'um mundo inalteravel,
N'um crystallino céo, que vive estavel..
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

II

Num céu intemerato e crystallino
Póde habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O Ser, como espectáculo divino.

Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante :
Enche o ar da terra o seu pulmão possante . . .
Cá da terra blasphema ou ergue um hymno . . .

A idea encarna em peitos que palpitam :
O seu pulsar são chamas que cropitam,
Paixões ardentes como vivos soes !

Combatei pois na terra arida e bruta,
Té que a revolve o remoinhar da lucta,
Té que a fecunde o sangue dos heroes !



Justitia Mater



Nas florestas solennes ha o culto
Da eterna, intima força primitiva :
Na serra, o grito audaz da alma captiva,
Do coração, em seu combate inulto :

No espaço constellado passa o vulto
Do innominado Alguem, que os soes aviya :
No mar ouve-se a voz grave e afflictiva
D'um deus que lucta, poderoso e inculto.

Mas nas negras cidades, onde sóta
Se ergue, de sangue medida, a revolta,
Como incendio que um vento bravo atiça,

Ha mais alta missão, mais alta gloria :
O combater, á grande luz da historia,
Os combates eternos da Justiça !

Palavras d'um certo Morto



HA mil annos, e mais, que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo, á chuva e ao vento:
Não ha como eu espectro macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Só o espirito vive: vela aborto
N'um fixo, inexoravel pensamento:
«Morto, enterrado em vida!» o meu tormento
É isto só... do resto não me importo...

Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só — no outro, a Idolatria,
Deu-me um altar e um culto... ai! adoraram-me,

Como se eu fosse *alguem!* como se a Vida
Podesse ser *alguem!* — logo em seguida
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!



A UM POETA



Surge et ambula!

Tu, que dormes, espirito sereno,
Posto á sombra dos cedros seculares,
Como um levita á sombra dos altares,
Longe da lucta e do fragor terreno,

Accorda! é tempo! O sol, já' alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio d'esses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! são canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!



Hymno á Razão

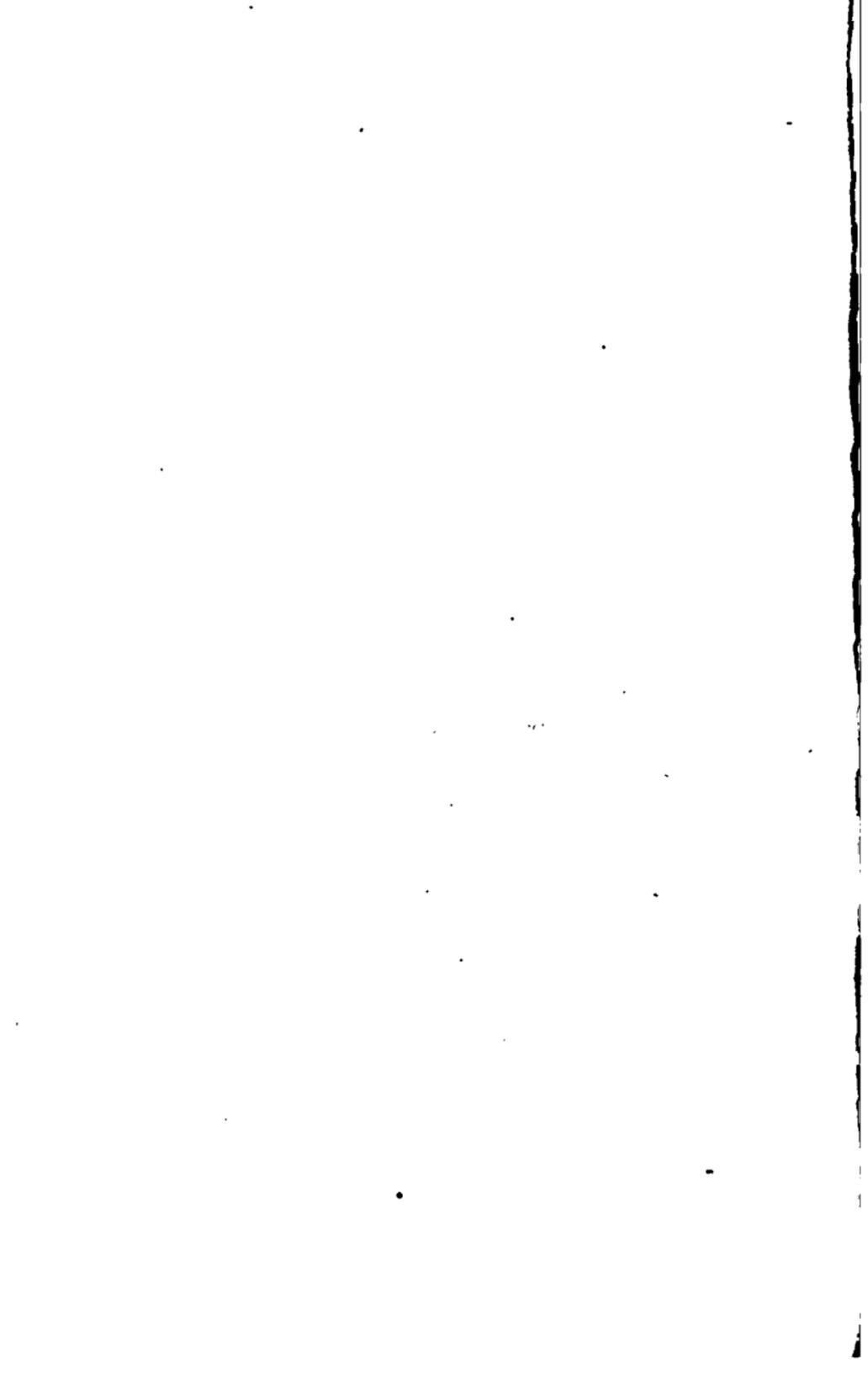


RAZÃO, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz d'um coração que te appetite,
D'uma alma livre, só a ti submissa.

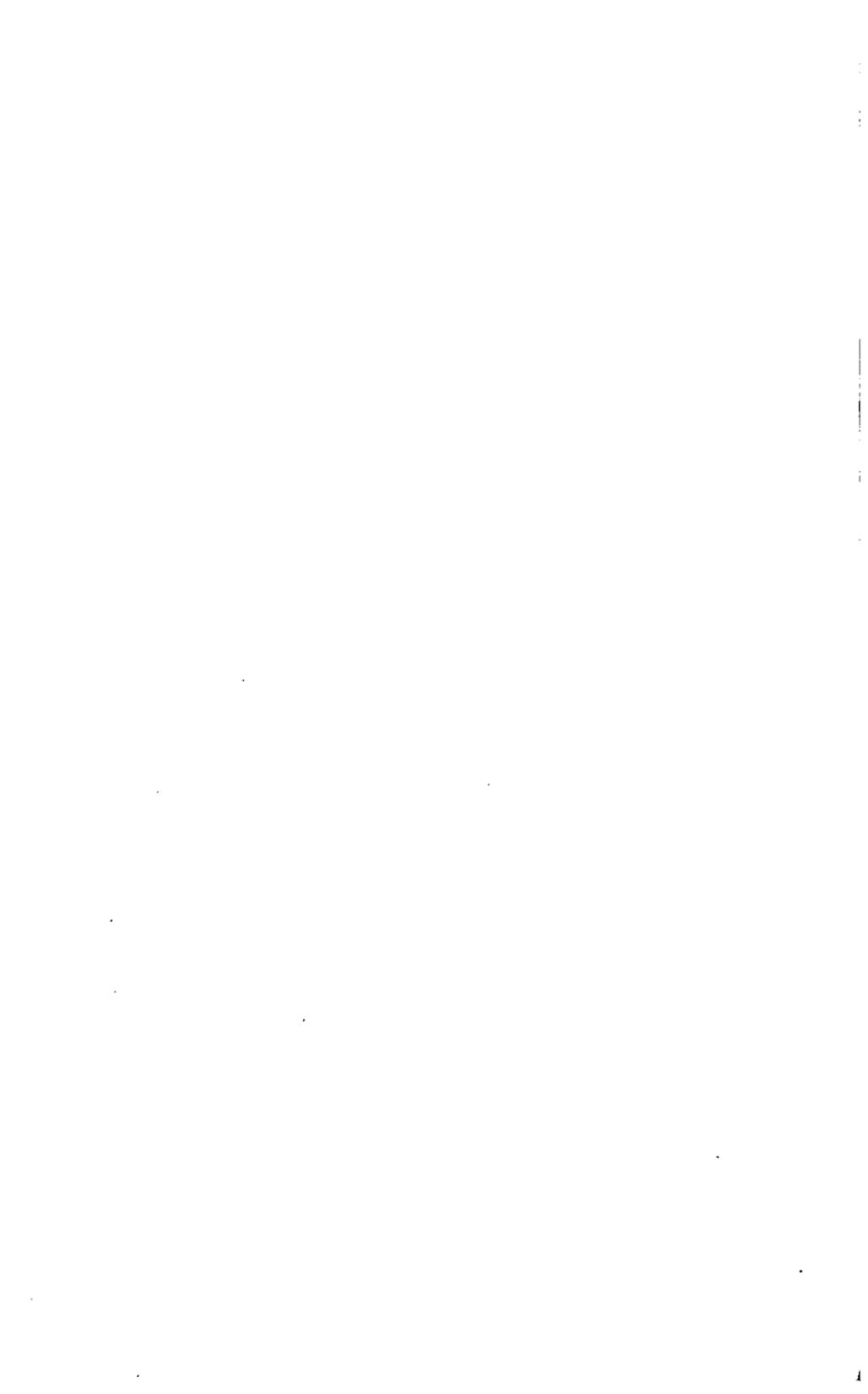
Por ti é que a poeira movediça
De astros e soes e mundos permanece ;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroismo medra e viça.

Por ti, na arena tragica, as nações
Buscam a liberdade, entre clarões ;
E os que olham o futuro e scismam, mudos,

Por ti, podem soffrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos, que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos !



1874 — 1880





H O M O



NENHUM de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredo,
Nenhum adivinhou o meu segredo,
Nenhum interpretou a minha prece . . .

Ninguém sabe quem sou . . . e mais, parece
Que ha dez mil annos já, neste degredo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece . . .

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pai nem mãe . . .

Mixto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez Satanaz ; — talvez um filho
Bastardo de Jehovah ; — talvez ninguém !



Disputa em familia

Dixit insipiens in corde suo: non est Deus.

I

SAR das nuvens, levanta a fronte e escuta
O que dizem teus filhos rebellados,
Velho Jehovah de longa barba hirsuta,
Solitario em teus Céos acastellados:

«— Cessou o imperio enfim da força bruta!
Não sofreremos mais, emancipados,
O tyranno, de mão tenaz e astuta,
Que mil annos nos trouxe arrebanhados!

• Emquanto tu dormias impassivel,
Topámos no caminho a liberdade
Que nos sorrio com gesto indefinivel...

• Já provámos os fructos da verdade...
O' Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrivel,
Não passas d'uma van banalidade! — •



II

MAS o velho tyranno solitario,
De coração austero e endurecido,
Que um dia, de enjoado ou distrãhido,
Deixou matar seu filho no Calvario,

Sorrio com rir estranho, ouvindo o vario
Tumultuoso côro e alarido
Do povo insipiente, que, atrevido,
Erguia a voz em grita ao seu sacrario :

« — Vanitas vanitatum ! (disse). É certo
Que o homem vão medita mil mudanças,
Sem achar mais do que erro e desacerto.

• Muito antes de nascerem vossos paes
D'um barro vil, ridiculas crianças,
Sabia eu tudo isso... e muito mais ! — •

Mors liberatrix

(A Buitão Preto)



Na tua mão, sombrio cavalleiro,
Cavalleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão, como um luzeiro.

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo involto na noite que projectas...
Só o gladio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

— «Se esta espada que empunho é coruscante,
(Responde o negro cavalleiro-andante)
É porque esta é a espada da Verdade.

Firo, mas salvo... Prostro e desbarato,
Mas consólo... Subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a Liberdade.»



O Inconsciente



O ESPECTRO familiar que anda commigo,
Sem que pudesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto
E outras muitas ancioso espreito e sigo,

É um espectro mudo, grave, antigo,
Que parece a conversas mal disposto...
Ante esse vulto, ascetico e composto
Mil vezes abro a bocca... e nada digo.

Só uma vez ousei interrogal-o :
Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Phantasma a quem odeio e a quem amo ?

Teus irmãos (respondeu) os vãos humanos,
Chamam-me Deus, ha mais de dez mil annos...
Mas eu por mim não sei como me chamo...

MORS-AMOR

(A Luiz de Magalhães)



Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha sem temor.
E o corcel negro diz: « Eu sou a Morte! »
Responde o cavalleiro: « Eu sou o Amor! »



ESTOICISMO

(A Manoel Duarte de Almeida)



Tu que não crês, nem amas, nem esperas,
Espírito de eterna negação,
Teu halito gelou-me o coração
E destroçou-me da alma as primaveras...

Atravessando regiões austeras,
Cheias de noite e cava escuridão,
Como n'um sonho mau, só oiço um não,
Que eternamente ecchoa entre as esferas...

— Porque suspiras, porque te lamentas,
Cobarde coração? Debalde intentas
Oppor á Sorte a queixa do egoismo...

Deixa aos tímidos, deixa aos sonhadores
A esperança van, seus vãos fulgores...
Sabe tu encarar sereno o abysmo!



ANIMA MEA

ESTAVA a Morte alli, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a funebre bacchante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo mundo errante?»

— Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um trophéu
Glorioso de mais... Busco a tua alma —
Respondi-lhe: «A minha alma já morreu!»

Divina comedia

(Ao Dr. José Faleiro)



ERGUENDO os braços para o céu distante
E apostrophando os deuses invisíveis,
Os homens clamam: — «Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triunphante,

Porque é que nos criastes?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dor, peccado, illusão, luctas horriveis,
N'um turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?»
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
Dizem: — «Homens! porque é que nos criastes?»





Espiritualismo



I

Como um vento de morte e de ruína,
A Dúvida soprou sobre o Universo.
Fez-se noite de súbito, imerso
O mundo em densa e algida neblina.

Nem astro já reluz, nem ave trina,
Nem flor sorri no seu aéreo berço.
Um veneno sutil, vago, disperso,
Empeçonhou a criação divina.

E, no meio da noite monstruosa,
Do silêncio glacial, que paira e estende
O seu sudário, d'onde a morte pende,

Só uma flor humilde, misteriosa,
Como um vago protesto da existência,
Desabroxa no fundo da Consciência.

V

II

DORME entre os gelos, flor immaculada!
Lucta, pedindo um ultimo clarão
Aos soes que ruem pela immensidão,
Arrastando uma aureola apagada...

Em vão! Do abysmo a bocca escancarada
Chama por ti na gélida amplidão...
Sobe do poço eterno, em turbilhão,
A treva primitiva conglobada...

Tu morrerás tambem. Um ai supremo,
Na noite universal que envolve o mundo,
Ha-de ecchoar, e teu perfume extremo

No vacuo eterno se esvahirá disperso,
Como o alento final d'um moribundo,
Como o ultimo suspiro do Universo.



O CONVERTIDO

(A Gonçalves Crespo)

✻

ENTRE os filhos d'um seculo maldito
Tomei tambem logar na impia meza,
Onde, sob o folgar, geme a tristeza
D'uma ancia impotente de infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito
Um rir feito de fel e de impureza . . .
Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza,
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tedio e de quebranto,
Rompendo os diques ao «represso pranto,
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,
E achei a paz na inercia e esquecimento . . .
Só me falta saber se Deus existe!

2

ESPECTROS



ESPECTROS que velaes, enquanto a custo
Adormeço um momento, e que inclinados
Sobre os meus somnos curtos e cançados
Me encheis as noites de agonia e susto!..

De que me vale a mim ser puro e justo,
E entre combates sempre renovados
Disputar dia a dia á mão dos Fados
Uma parcella do saber augusto,

Se a minh'alma ha-de ver, sobre si fitos,
Sempre esses olhos tragicos, malditos!
Se até dormindo, com angustia immensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma verter sobre o meu peito
As lagrimas geladas da descrença!



À Virgem Santissima

Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia



N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza . . .

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade . . .
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza . . .

Um mystico soffrer . . . uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira . . .

O' visão, visão triste e piedosa !
Fita-me assim calada, assim chorosa . . .
E deixa-me sonhar a vida inteira !

NOX

(A Fernando Leal)



Noite, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, á luz cruel do dia,
Tanto esteril lutar, tanta agonia,
E inuteis tantos asperos tormentos . . .

Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exhalam da tragica enxovia . . .
O eterno Mal, que ruga e desvaria,
Em ti descança e esquece, alguns momentos . . .

Oh! antes tu tambem adormecesses
Por uma vez, e eterna, inalteravel,
Cahindo sobre o mundo, te esquecesses,

E elle, o mundo, sem mais lutar nem ver,
Dormisse no teu seio inviolavel,
Noite sem termo, noite do Não-ser!





EM VIAGEM

cap

PELO caminho estreito, aonde a custo
Se encontra uma só flor, ou ave, ou fonte,
Mas só bruta aridez de aspero monte
E os soes e a febre do areal adusto,

Pelo caminho estreito entrei sem susto
E sem susto encarei, vendo-os defronte,
Phantasmas que surgiam do horizonte
A accommetter meu coração robusto...

Quem sois vós, peregrinos singulares?
Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...
Atraz d'elles a Morte espreita ainda...

Conheço-vos. Meus guias derradeiros
Sereis vós. Silenciosos companheiros,
Bemvindos, pois, e tu, Morte, bemvinda!

Quia æternus

(A Joaquim de Araújo)



Não morreste, por mais que o brade á gente
Uma orgulhosa e van philosophia . . .
Não se sacode assim tão facilmente
O jugo da divina tyrannia!

Clamam em vão, e esse triumpho ingente
Com que a Razão — coitada! — se inebria,
É nova forma, apenas, mais pungente,
Da tua eterna, tragica ironia.

Não, não morreste, espectro! o Pensamento
Como d'antes te encara, e és o tormento
De quantos sobre os livros desfallecem.

E os que folgam na orgia impia e devassa
Ai! quantas vezes, ao erguer a taça,
Param, e estremecendo, empallidecem!





No turbilhão

(A Jayme Batalha Reis)



No meu sonho desfilam as visões,
Espectros dos meus próprios pensamentos,
Como um bando levado pelos ventos,
Arrebatado em vastos turbilhões...

N'uma espiral, de estranhas contorsões,
E d'onde saem gritos e lamentos,
Vejo-os passar, em grupos nevocentos,
Distingo-lhes, a espaços, as feições...

— Phantasmas de mim mesmo e da minha alma,
Que me fitaes com formidavel calma,
Levados na onda turva do escarceo,

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
Quem sois, visões miserrimas e atrozes?
Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?!...

IGNOTUS

(A Salomé Sáragra)



ONDE te escondes? Eis que em vão clamamos,
Suspirando e erguendo as mãos em vão!
Já a voz enrouquece e o coração
Está cansado — e já desesperamos...

Por céu, por mar e terras procuramos
O Espirito que enche a solidão,
E só a propria voz na immensidão
Fatigada nos volve... e não te achamos!

Céus e terra, clamai, aonde? aonde? —
Mas o Espirito antigo só responde,
Em tom de grande tédio e de pezar:

— Não vos queixeis, ó filhos da anciedade,
Que eu mesmo, desde toda a eternidade,
Tambem me busco a mim... sem me encontrar!



NO CIRCO

(A Jello do Deus)



Murro longe d'aqui, nem eu sei quando,
Nem onde era esse mundo, em que eu vivia ...
Mas tão longe ... que até dizer podia
Que cmquanto lá andei, andei sonhando ...

Porque era tudo ali aereo e brando,
E lucida a existencia amanhecia ...
E eu ... leve como a luz ... até que um dia
Um vento me tomou, e vim rolando ...

Cahi e achei-me, de repente, involto
Em lucta bestial, na arena fera,
Onde um bruto furor bramia solto.

Senti um monstro em mim nascer n'essa hora,
E achei-me de improviso feito fera ...
— É assim que rujo entre leões agora !

NIRVÂNÁ

(A Gesto Junqueiro)



PARA além do Universo luminoso,
Cheio de fórmãs, de rumor, de lida,
De forças, de desejos e de vida,
Abre-se como um vacuo tenebroso.

A onda d'esse mar tumultuoso
Vem ali expirar, semacida . . .
N'uma immobilidade indefinida
Termina ali o ser, inerte, ocioso

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo d'esse mundo morto
E torna a olhar as cousas naturaes,

À bella luz da vida, ampla, infinita,
Só vê com tédio, em tudo quanto fita,
A illusão e o vasio universaes.

CONSULTA

(A Alberto Sampaio)



CHAMEI em volta do meu frio leito
As memórias melhores de outra idade,
Fôrmas vagas, que ás noites, com piedade,
Se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito . . .

E disse-lhes : — No mundo immenso e estreito
Valia a pena, acaso, em anciedade
Ter nascido ? dizei-mo com verdade,
Pobres memórias que eu ao seio estreito . . .

Mas ellas perturbaram-se — coitadas !
E empallideceram, contristadas,
Ainda a mais feliz, a mais serena . . .

E cada uma d'ellas, lentamente,
Com um sorriso morbido, pungente,
Me respondeu : — Não, não valia a pena !

VISÃO

(A J. M. Eça de Queiroz)



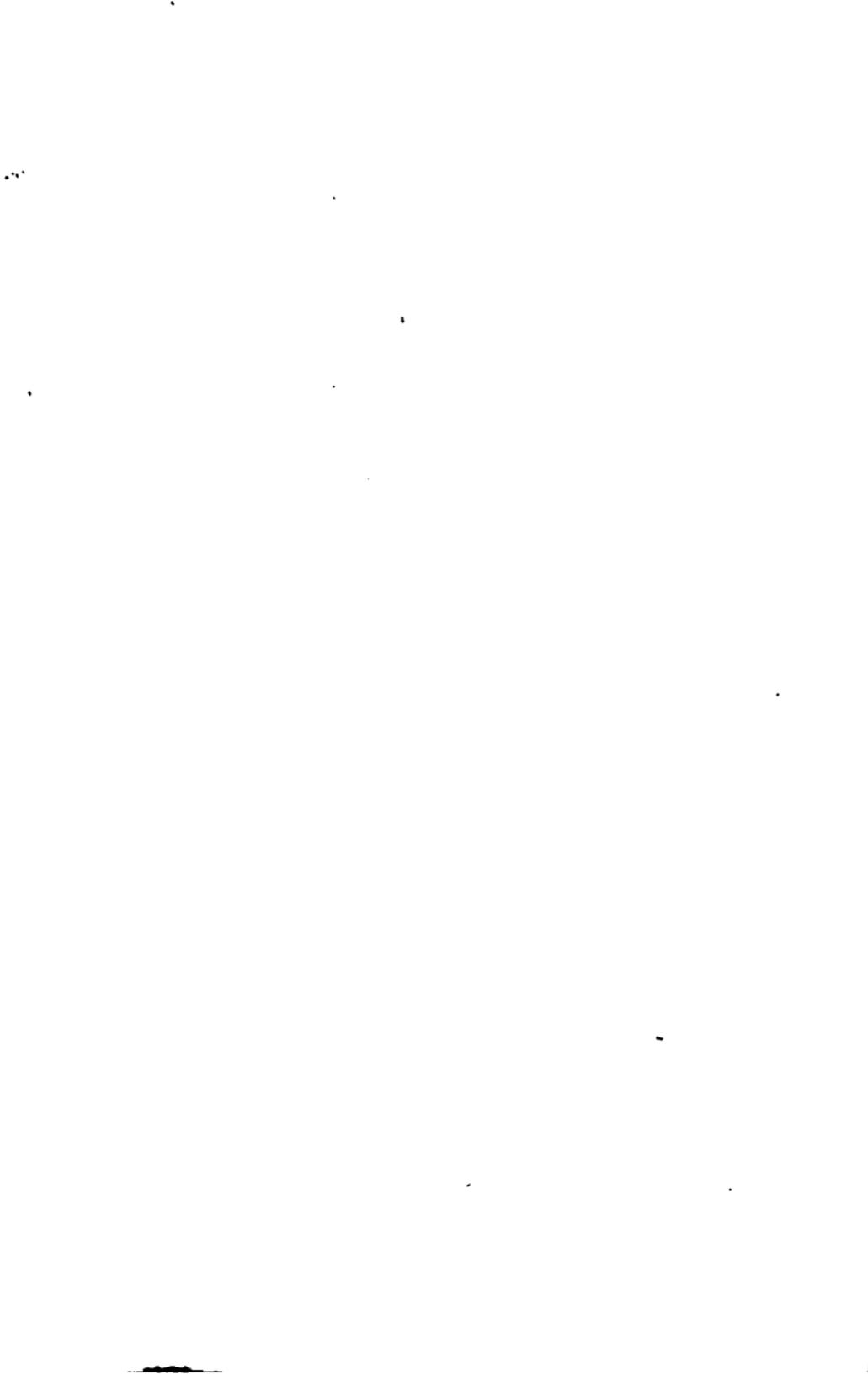
Eu vi o Amor — mas nos seus olhos baços
Nada sorria já : só fixo e lento
Morava agora ali um pensamento
De dor sem tregoa e de intimos canções.

Pairava, como espectro, nos espaços,
Todo envolto n'um nimbo pardacento...
Na attitude convulsa do tormento,
Torcia e retorcia os magros braços...

E arrancava das azas destroçadas
A uma e uma as pennas maculadas,
Soltando a espaços um soluço fundo,

Soluço de odio e raiva impenitentes...
E do phantasma as lagrimas ardentes
Cahiam lentamente sobre o mundo!





1880 — 1884

EVOLUÇÃO

(A Santos Valério)



Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incognita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquissimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paúl, glauco pacigo...

Hoje sou homem — e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espiraes, na immensidade...

Interrogo o infinito e ás vezes choro...
Mas, estendendo as mãos no vacuo, adoro
E aspiro unicamente á liberdade.



Elogio da Morte



Morrer é ser iniciado.

ANTHOLOGIA GREGA.

I

ALTAH horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e accôrdo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me pára o coração robusto.

Não que de larvas me povôe a mente
Esse vacuo nocturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão por que afugente
Algum remorso, com que encara a custo...

Nem phantasmas nocturnos visionarios,
Nem desfilar de espectros mortuarios,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo d'um poço, humido e morno,
Um muro de silencio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulcraes da Morte.



II

NA floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento.
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a phantasia.

Atravesso, no escuro, a nevoa fria
D'um mundo estranho, que povôa o vento,
E meu queixoso e incerto sentimento
Só das visões da noite se confia.

Que mysticos desejos me enlouquecem?
Do Nirvâna os abysmos apparecem
A meus olhos, na muda immensidade!

N'esta viagem pelo ermo espaço,
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irman do Amor e da Verdade!

♣

III

Eu não sei quem tu és — mas não procuro
(Tal é minha confiança) devassal-o.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as fórmulas da noite, com quem falo.

Atravez do silencio frio e obscuro
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cair dos abysmos do Futuro
Me inclino á tua voz, para sondal-o.

Por ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região innominada,
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Fixal-o, comprehendel-o, basta uma hora,
Funerea Beatriz de mão gelada...
Mas unica Beatriz consoladora!





IV

Longo tempo ignorei (mas que cegueira
Me trazia este espirito enublado!)
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,
Noite e dia, impassivel companheira...

Muitas vezes, é certo, na canceira,
No tedio extremo d'um viver maguado,
Para ti levantei o olhar turbado,
Invocando-te, amiga derradeira...

Mas não te amava então nem conhecia:
Meu pensamento inerte nada lia
Sobre essa muda frente, austera e calma.

Luz intima, afinal, alumiou-me...
Filha do mesmo pac, já sei teu nome,
Morte, irman coeterna da minha alma!

2

V

Que nome te darei, austera imagem,
Que avisto já n'um angulo da estrada,
Quando me desmaiava a alma prostrada
Do canção e do tedio da viagem ?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,
Cobre o rosto e recúa apavorada . . .
Mas eu confio em ti, sombra velada,
E cuido perceber tua linguagem . . .

Mais claros vejo, a cada passo, escritos,
Filha da noite, os lemmas do Ideal,
Nos teus olhos profundos sempre fitos . . .

Dormirei no teu seio inalteravel,
Na communhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolavel !



VI

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silencio mortuario,
Noite sem fim, espaço solitario,
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não: minh'alma humilde mas robusta
Entra crente em teu atrio funorario:
Para os mais és um vacuo cinerario,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e ineffavel
E o silencio sem par do Inalteravel,
Que envolve o eterno amor no eterno futo.

Talvez seja peccado procurar-te,
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Ser unico absoluto.

Contemplação

(A Francisco Machado de Faria e Maia)



Sonho de olhos abertos, caminhando
Não entre as formas já e as apparencias,
Mas vendo a face immovel das essencias,
Entre ideas e espiritos pairando...

Que é o mundo ante mim? fumo ondeando,
Visões sem ser, fragmentos de existencias...
Uma nevoa de enganos e impotencias
Sobre vacuo insondavel rastejando...

E d'entre a nevoa e a sombra universaes
Só me chega um murmurio, feito de ais...
É a queixa, o profundissimo gemido

Das cousas, que procuram cegamente
Na sua noite e dolorosamente
Outra luz, outro fim só presentido...



Lacrimæ rerum

(A TOMMASO CANNIZZO)

epo

Norre, irmã da Razão e irmã da Morte,
Quantas vezes tenho eu interrogado
Teu verbo, teu oraculo sagrado,
Confidente e interprete da Sorte!

Aonde vão teus soes, como cohorte
De almas inquietas, que conduz o Fado?
E o homem porque vaga desolado
E em vão busca a certeza, que o conforto?

Mas, na pompa de immenso funeral,
Muda, a noite, sinistra e triumphal,
Passa volvendo as horas vagarosas...

É tudo, em torno a mim, duvida e luto;
E, perdido n'um sonho immenso, escuto
O suspiro das cousas tenebrosas...

REDEMPÇÃO

(A Ex.^{ma} Sar.^a D. Celeste C. B. R.)



I

Vozes do mar, das arvores, do vento!
Quando ás vezes, n'um sonho doloroso,
Me embala o vosso canto poderoso,
Eu julgo igual ao meu vosso tormento...

Verbo crepuscular e intimo alento
Das cousas mudas; psalmo mysterioso;
Não serás tu, queixume vaporoso,
O suspiro do mundo e o seu lamento?

Um espirito habita a immensidade:
Uma ancia cruel de liberdade
Agita e abala as formas fugitivas.

E eu comprehendo a vossa lingua estranha,
Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmans da minha, almas captivas!



II

Não choreis, ventos, arvores e mares,
Côro antigo de vozes rumorosas,
Das vozes primitivas, dolorosas
Como um pranto de larvas tumulares...

Da sombra das visões crepusculares
Rompendo, um dia, surgireis radiosas
D'esse sonho e essas ancias affrontosas,
Que exprimem vossas queixas singulares...

Almas no limbo ainda da existencia,
Accordareis um dia na Consciencia,
E pairando, já puro pensamento,

Vereis as Formas, filhas da Illusão,
Cahir desfeitas, como um sonho vão...
E acabará por fim vosso tormento.

Voz interior

(A João de Deus)

EMBEBIDO n'um sonho doloroso,
Que atravessam phantasticos clarões,
Tropeçando n'um povo de visões,
Se agita meu pensar tumultuoso . . .

Com um bramir de mar tempestuoso
Que até aos céos arroja os seus cachões,
Atravez d'uma luz de exalações,
Rodeia-me o Universo monstruoso . . .

Um ai sem termo, um tragico gemid
Echoa sem cessar ao meu ouvido,
Com horrivel, monotono vaivem . . .

Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem !





LUCETA



Fluxo e refluxo eterno...

JOÃO DE DEUS.

DORME a noite encostada nas colinas.
Como um sonho de paz e esquecimento
Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram valles e campinas...

Mas a mim, cheia de attracções divinas,
Dá-me a noite rebate ao pensamento.
Sinto em volta de mim, tropel nevoento,
Os Destinos e as Almas peregrinas!

Insondavel problema!.. Apavorado
Recúa o pensamento!.. E já prostrado
E estúpido à força de fadiga,

Fito inconsciente as sombras visionarias,
Emquanto pelas praias solitarias
Echoa, ó mar, a tua voz antiga.

LOGOS

(Ao sr. D. Nicolau Salmeron)



Tu, que eu não vejo, e estás ao pé de mim
E, o que é mais, dentro em mim — que me rodeias
Com um nimbo de affectos e de ideas,
Que são o meu principio, meio e fim...

Que estranho ser és tu (se és ser) que assim
Me arrebatas contigo e me passeias
Em regiões innominadas, cheias
De encanto e de pavor... de não e sim...

És um reflexo apenas da minha alma,
E em vez de te encorar com fronte calma
Sobresalto-me ao ver-te, e tremo e exoro-te...

Falo-te, calas... calo, e vens attento...
És um pae, um irmão, e é um tormento
Ter-te a meu lado... és um tyranno, e adoro-te !



Com os mortos

Os que amei, onde estão? idos, dispersos,
Arrastados no gyro dos tufões,
Levados, como em sonho, entre visões,
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés também imersos
Na corrente e à mercê dos turbilhões,
Só vejo espuma lívida, em cachões,
E entre ella, aqui e ali, vultos submersos...

Mas se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esses que amei: vivem commigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na communhão ideal do eterno Bem.

Oceano Rox

(A. A. de Azevedo Castello Branco)



JUNTO do mar, que erguia gravemente
A tragica voz rouca, em quanto o vento
Passava como o vôo d'um pensamento
Que busca e hesita, inquieto e intermittente,

Junto do mar senti-me tristemente,
Olhando o céu pesado e nevoento,
E interroguei, scismando, esse lamento
Que sahia das cousas, vagamente . . .

Que inquieto desejo vos tortura,
Sercs elementares, força obscura?
Em volta de que idea gravitacs? —

Mas na immensa extensão, onde se esconde
O Inconsciente immortal, só me responde
Um bramido, um queixume, e nada mais . . .



Communhão

(Ao sr. João Lebo de Moura)



REPRIMIREI meu pranto! . . Considera
Quantos, minh'alma, antes de nós vagaram,
Quantos as mãos incertas levantaram
Sob este mesmo céu de luz austera! . .

— Luz morta! amarga a propria primavera! —
Mas seus pacientes corações luctaram,
Crentes só por instincto, e se apoiaram
Na obscura e heroica fé, que os retempera . . .

E sou eu mais do que elles? igual fado
Me prende á lei de ignotas multidões. —
Seguirei meu caminho confiado,

Entre esses vultos mudos, mas amigos,
Na humilde fé de obscuras gerações,
Na communhão dos nossos paes antigos.

Solemnia Verba



DISSE ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andáinos! Considera
Agora, d'esta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos . . .

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo e desespera
Semeador de sombras e quebrantos! —

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dor.



O que diz a Morte



DEIXAI-OS vir a mim, os que lidaram ;
Deixae-os vir a mim, os que padecem ;
E os que cheios de magua e tedio encaram
As proprias obras vans, de que escarnecem . . .

Em mim, os Soffrimentos que não saram,
Paixão, Duvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dor, que nunca param,
Como n'um mar, em mim desaparecem. —

Assim a Morte diz. Verbo velado,
Silencioso interprete sagrado
Das cousas invisiveis, muda e fria,

É, na sua mudez, mais retumbante
Que o clamoroso mar ; mais rutilante,
Na sua noite, do que a luz do dia.

Na mão de Deus

(À Ex.^{ma} Sr.^a D. Victoria de O. N.)

epo

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou a final meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortaes, com que se encfita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A forma transitoria e imperfeita.

Como criança, em lobrega jornada,
Que a mãe leva no collo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, arcias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!





INDICE

	PAG
A cruz dizia á terra, onde assentava	64
Adornou o meu quarto a flor do cardo	26
Ali, onde o mar quebra, n'um cachão	52
Altas horas da noite, o Inconsciente	103
Amar! mas d'um amor que tenha vida	25
Amem a noite os magros crapulosos	65
Aquella, que eu adoro, não é feita	44
Aquelles, que eu amei, não sei que vento	49
Ardentes filhas do prazer, dizei-me	48
Chamei em volta do meu frio leito	96
Chovam lyrios e rosas no teu collo	35
Como um vento de morte e de ruina	84
Conheci a belleza que não morre	7
Conquista pois sósinho o teu futuro	58
Deixae-os vir a mim, os que lidaram	120
Deixal-a ir, a ave, a quem roubaram	46
Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando	22
Disse ao meu coração: Olha por quantos	119
Dorme a noite encostada nas colinas	114
Dorme entre os gelos, flor immaculada	85
Embebido n'um sonho doloroso	113
Empunhasse eu a espada dos valentes!	45
Em sonho, ás vezes, se o sonhar quebranta	37
Em vão luctamos! Como nevoa baça	19
Entre os filhos d'um seculo maldito	86
Erguendo os braços para o céo distante	83
Espectros que velaes, em quanto a custo	87

	PAG.
Esperemos em Deus! Elle ha tomado	10
Espirito que passas, quando o vento	32
Esse negro corcel, cujas passadas	80
Estava a morte ali, em pé, deante	82
Estreita é do prazer na vida a taça	6
Eu amo a vasta sombra das montanhas	30
Eu bem sei que te chamam pequenina	27
Eu não sei quem tu és, mas não procuro	105
Eu vi o Amor — mas nos seus olhos baços	97
Força é pois ir buscar outro caminho!	57
Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo	102
Fumo e scismo. Os castellos do horizonte	40
Ha mil annos, bom Christo, ergueste os magros braços	20
Ha mil annos, e mais, que aqui estou morto	69
Já não sei o que vale a nova idea	66
Já socega, depois de tanta lucta	101
Junto do mar, que erguia gravemente	117
Lá! mas aonde é lá? aonde? Espera	62
Longo tempo ignorei — mas que cegueira	106
Mãe, que adormente este viver dorido	38
Mas a Idea quem é? quem foi que a vio	59
Mas o velho tyranno solitario	77
Meus dias vão correndo vagarosos	8
Muito longe d'aqui, nem eu sei quando	94
Na capella, perdida entre a folhagem	39
Na floresta dos sonhos, dia a dia	104
Na mão de Deus, na sua mão direita	121
Na tua mão, sombrio cavalleiro	78
Nas florestas solemnes ha o culto	68
Não busco n'esta vida gloria ou fama	18
Não duvido que o mundo no seu eixo	41
Não choreis, ventos, arvores e mares	112
Não morreste, por mais que o brade á gente	91
Não se perdeu teu sangue generoso	63
Não me fales de gloria : é outro o altar	16

	PAG.
No céu, se existe um céu para quem chora	11
Nenhum de vós ao certo me conhece	75
Noite, irmã da Razão e irmã da Morte	110
Noite, vão para ti meus pensamentos	89
No meu sonho desfilam as visões	92
N'um céu intemerato e crystalino	67
N'um sonho todo feito de incerteza	88
O espectro familiar, que anda commigo	79
Oh chimera, que passas embalada	47
Oh! o noivado barbaro! o noivado	61
Onde te escondes? eis que em vão clamamos	93
Os que amei, onde estão? idos, dispersos	116
Outra amante não ha! não ha na vida	60
Ouve tu, meu cançado coração	51
Pallido Christo, oh conductor divino!	56
Para além do Universo luminoso	95
Para tristezas, para dor nasceste	50
Pelas rugas da frente que medita	43
Pelo caminho estreito, aonde a custo	90
Pois que os deuses antigos e os antigos	55
Porque descrês, mulher, do amor, da vida?	15
Poz-te Deus sobre a frente a mão piedosa	5
Quando nós vamos ambos, de mãos dadas	31
Que belleza mortal se te assemelha	3
Que nome te darei, austera imagem	107
Quem anda lá por fora, pela vinha	28
Razão, irmã do Amor e da Justiça	71
Reprimirei meu pranto!.. Considera	118
São das nuvens, levanta a frente e escuta	76
Se comparo poder, ou ouro, ou fama	9
Se é lei, que rege o escuro pensamento	12
Sempre o futuro, sempre! e o presente	14
Só! Ao ermita sósinho na montanha	13
Só males são reacs, só dor existe	17
Só quem teme o Não-Ser é que se assusta	108

	PAG.
Só por ti, astro ainda e sempre occulto	34
Sonho-me ás vezes rei, n'alguma ilha	29
Sonhei — nem sempre o sonho é cousa vã	33
Sonho de olhos abertos, caminhando	109
Sonho que sou um cavalleiro andante	42
Tu, que eu não vejo e estás ao pé de mim	115
Tu, que dormes, espirito sereno	70
Tu, que não crês, nem amas, nem esperas	81
Um dia, meu amor, e talvez cedo	36
Um diluvio de luz cáe da montanha	4
Vae-te na aza negra da desgraça	21
Vozes do mar, das arvores, do vento	111

Porto Typographia Occidental. Fabrics 66

m





